

Carlos Barros Gonçalves

Tereré

**Patrimônio Cultural de
Mato Grosso do Sul**



Carlos Barros Gonçalves

O ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL
APRESENTA

Tereré

Patrimônio Cultural de Mato Grosso do Sul

Cacoal - RO



2023

© Editora Karywa – 2023
© Carlos Barros Gonçalves
Cacoal – RO
editorakarywa@gmail.com
<http://editorakarywa.wordpress.com>

Conselho Editorial

Dra. Adriana Schmidt Dias (UFRGS – Brasil)
Dra. Claudete Beise Ulrich (Faculdade Unida – Brasil)
Dr. Cristóbal Gnecco (Universidad del Cauca – Colômbia)
Dra. Delia Dutra da Silveira (UDELAR, CENUR, L.N. – Uruguai)
Dr. Eduardo Santos Neumann (UFRGS – Brasil)
Dra. Eli Bartra (UAM-Xochimilco – México)
Dr. Ezequiel de Souza (IFAM – Brasil)
Dr. Moisés Villamil Balestro (UNB – Brasil)
Dr. Raúl Fornet-Betancourt (Aachen – Alemanha)
Dr. Rodrigo Piquet Saboia de Mello (Museu do Índio – Brasil)
Dra. Tanya Angulo Alemán (Universidad de Valencia – Espanha)
Dra. Yisel Rivero Báxter (Universidad de la Habana – Cuba)

Arte da capa: Rogério Sávio Link
Ilustrador: Marcelo Batista Prestes

Publicação com recurso do Edital FIC/MS 01/2019
Termo de Outorga/ Fomento/Convênio n.º: 030347/2021
Projeto: Tereré: patrimônio cultural de MS

GONÇALVES, Carlos Barros

Tereré: Patrimônio cultural de Mato Grosso do Sul. 1ª ed. Cacoal: Karywa, 2023.

96p. : il.

ISBN ebook: 978-65-86795-20-2

ISBN impresso: 978-65-86795-19-6

1. Erva mate; 2. Tradição cultural; 3. Identidade; 4. Patrimônio; 5. Mato Grosso do Sul; I. Carlos Barros Gonçalves.

CDD 981.71



SUMÁRIO

ÍNDICE DE IMAGENS5

INTRODUÇÃO.....7

CAPÍTULO I

USOS, ABUSOS, POVOS INDÍGENAS E CONQUISTADORES: AS
ORIGENS REMOTAS DO TERERÉ 11

Origens do consumo da erva-mate..... 11

Usos, modos, males e virtudes de ontem e de hoje 20

CAPÍTULO II

A ERVA-MATE NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO E MATO GROSSO
DO SUL: FRONTEIRAS, IDENTIDADES E MEMÓRIAS.....31

A incorporação da erva-mate nos costumes regionais..... 31

Um Estado múltiplo: fronteiras, identidades e memórias 43

CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL EM MATO
GROSSO DO SUL: O TERERÉ51

Afinal, de quem é o tereré? 54

O tereré no dia-a-dia sul-mato-grossense: imagens e ideias..... 59

Na maior roda de tereré do mundo: novas e velhas ideias 71

CONSIDERAÇÕES FINAIS89

REFERÊNCIAS.....91





ÍNDICE DE IMAGENS

<i>Figura 01 - Efeitos do tereré.....</i>	26
<i>Figura 02 - Pandemia e tereré</i>	27
<i>Figura 03 - Pandemia e tereré</i>	28
<i>Figura 04 - Brasão do Estado.....</i>	43
<i>Figura 05 - Fronteira dissolvida.</i>	48
<i>Figura 06 - Orgulho de MS.....</i>	60
<i>Figura 07 - Embalagem de erva.....</i>	60
<i>Figura 08 - Embalagem de erva.....</i>	61
<i>Figura 09 - Embalagens de erva.</i>	61
<i>Figura 10 - Embalagens de erva.</i>	63
<i>Figura 11 - Embalagens de erva.</i>	64
<i>Figura 12 - Convite téris.</i>	64
<i>Figura 13 - Meme convite téres.....</i>	65
<i>Figura 14 - Tomador de tereré.....</i>	65
<i>Figura 15 - Meme tomando tereré.....</i>	65
<i>Figura 16 - Meme sul-mato-grossenses.</i>	66
<i>Figura 17 - Meme saindo de MS.</i>	66
<i>Figura 18 - Tutorial tereré a iniciantes.....</i>	67
<i>Figura 19 - Tereré raiz x nutella.</i>	68
<i>Figura 20 - Tereré raiz x creme de avelã.</i>	68
<i>Figura 21 - Pecados do tereré.....</i>	69
<i>Figura 22 - 10 mandamentos do tereré.</i>	69
<i>Figura 23 - Preparo do tereré.....</i>	70
<i>Figura 24 - Poema guampa de boi.</i>	70
<i>Figura 25 - Maior roda de tereré do mundo.</i>	72
<i>Figura 26 - Proibido tereré.....</i>	78
<i>Figura 27 - Tereré proibido no city tour.</i>	79
<i>Figura 28 - MPE, libera o tereré.</i>	81
<i>Figura 29 - De quem é o tereré?.....</i>	84
<i>Figura 30 - Kits descartáveis de tereré.....</i>	86

<i>Figura 31 - Conjunto integrado guampa e bomba de tereré descartável.....</i>	86
<i>Figura 32 - Carrinho de tereré.....</i>	87
<i>Foto 01 - Funcionários da Campanário no erval.</i>	32
<i>Foto 02 - Trabalhadores na colheita.....</i>	34
<i>Foto 03 - Galpão com barbacuá.</i>	35
<i>Foto 04 - Vista externa de barbacuá.</i>	35
<i>Foto 05 - Barbacuá.....</i>	36
<i>Foto 06 - Traje do trabalhador do erval.....</i>	37
<i>Foto 07 - Trituração de erva-mate.</i>	38
<i>Foto 08 - Ensacamento da erva.</i>	39
<i>Foto 09 - Utensílios para tereré.....</i>	42
<i>Foto 10 - Monumento ao tereré, CG.</i>	82
<i>Foto 11 - Monumento Princesinha dos ervais.....</i>	82
<i>Foto 12 - Monumento ao tereré, Ddos.....</i>	83
<i>Foto 13 - Monumento ao tereré, Caap.</i>	83
<i>Foto 14 - Garrafas de tereré.</i>	85
<i>Ilustração 01 - Cuia de cabaça e caniço de madeira</i>	21
<i>Ilustração 02 - Copo e bomba de bambu</i>	22
<i>Ilustração 03 - Bombas de metal.....</i>	23
<i>Ilustração 04 - Bombas de metal/plástico</i>	24
<i>Ilustração 05 - benefícios associados à erva mate.....</i>	30
<i>Ilustração 06 - Mineiros com ráidos.....</i>	37
<i>Mapa 01 - Área de ervais nativos no Mato Grosso do Sul</i>	12



INTRODUÇÃO

Tomar uma gelada, afogar as mágoas, beber um bom vinho, um pouco de água... Desde os tempos mais remotos o compartilhar uma bebida esteve presente no cotidiano das pessoas. O beber junto é um pretexto para encontros, para novas amizades, para negociar ou simplesmente para jogar conversa fora. Não são poucos os filmes, novelas, histórias ou contos em que determinada pessoa foi, por exemplo, envenenada por meio de uma saborosa ou amarga bebida. As bebidas foram/são usadas em diversos rituais mágico/religiosos ou festivos, por diferentes povos.

As bebidas não raramente estão acompanhadas de uma boa comida, mas isso é outra história. É possível dizer que elas distinguem pessoas, grupos e mesmo regiões. Quando se pensa no Rum, talvez venha à mente um navio de piratas, quando se pensa no vinho talvez se imagine a Itália, o Rio Grande do Sul, a Argentina ou mesmo o boteco mais próximo de casa, uma boa ideia (?). Para a associação de determinadas imagens, ideias ou lembranças, poderiam ser citados também o café, o aguardente, o leite, o chá. Tais evocações, recordações, dependem da trajetória individual ou coletiva de determinados sujeitos ou grupos. Isso tudo para dizer que as bebidas, seu preparo e consumo, também possui uma história, sendo ao mesmo tempo, um objeto capaz de revelar aspectos da vida social, coletiva dos povos.

A bebida incorpora a história. Muda, é inventada e reinventada. Dependendo de seu tipo, é mal vista por algumas pessoas; dependendo do momento e do lugar, torna-se santa. Vai do inferno ao céu em poucos segundos.

Essa variedade de formas, gostos e finalidades presente nas bebidas ao longo do tempo e do espaço, as tornam objetos nos quais a história está diluída. O tereré é uma dessas poções.

O tereré e a erva-mate (*ilex paraguariensis*)¹ foram e são temas recorrentes na história, música, contos, poesia, lendas ou pinturas no Mato

1. A descrição científica da planta foi realizada pelo botânico e naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853).

Grosso do Sul² (MS). Dão nomes a estabelecimentos comerciais, marcas de produtos diversos, festas, comemorações, revistas, jornais ou boletins. A bebida é preparada com a erva-mate para tereré, mais grossa do que a erva para o chimarrão³, uma guampa, geralmente feita com o chifre de gado, mas que já foi substituída por copos de madeira, vidro, alumínio ou plástico, uma bomba, utilizada para sorver o líquido e água fria ou gelada. É extremamente apreciada no dia-a-dia dos sul-mato-grossenses. Está presente nos locais de trabalho, nas escolas, universidades, nas praças, nas ruas e na quase totalidade das casas.

O tereré é apresentado no ambiente digital como uma bebida típica de Mato Grosso do Sul e do Paraguai. Ele pode ser tomado como um costume que caracteriza pessoas, um determinado grupo e um espaço. Uma bebida que, juntamente com a erva-mate, atravessou e deixou marcas na história (econômica, política, social) do antigo sul de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul. Uma dessas marcas é a diversificada presença de elementos paraguaios e indígenas na cultura sul-mato-grossense.

No Paraguai, a bebida foi considerada, desde 2011, patrimônio da nação (Lei 4261 do Congresso Nacional) e ganhou um dia específico como homenagem. Todo o último sábado do mês de fevereiro comemora-se o Dia Nacional do Tereré. No país *hermano*, a bebida é bastante consumida com plantas medicinais ou aromáticas, chamadas de “yuyos” (“jujos” no MS) e na maioria das vezes com água natural ou menos fria em relação ao costume sul-mato-grossense. O tereré também é apreciado em algumas regiões dos estados de Mato Grosso, Rondônia, Acre, Paraná e interior de São Paulo. No Paraná e em São Paulo, é comum encontrar o nome de tererê.

O tereré é servido neste livro como um dos modos pelo qual uma possível identidade sul-mato-grossense ganha materialidade, solidez; e o reconhecimento da bebida como um patrimônio cultural do estado reforçou e institucionalizou essa possibilidade, esse poder. É, por essa razão, que o livro relaciona o patrimônio cultural e a história, na tentativa de apontar a presença da bebida como parte da história e do viver dos moradores de MS. Dessa forma, além de comentar as ações para o registro do tereré como

2. O poeta douradense Emanuel Marinho escreveu um poema bastante conhecido no MS chamado *Tê-ré-ré*. Há também a música *Roda de Tereré*, lançada em 1997, pelo Grupo Zingaro. Em 2013 a banda sul-mato-grossense Curimba, lançou a música *Serve um téras*.

3. O Chimarrão, ou mate, é uma bebida feita com água quente e identificada, no Brasil, como típica dos sul-rio-grandense, mas também foi espalhada em vários estados brasileiros. É bastante consumida também no Uruguai, Argentina e Paraguai.

bem imaterial do estado, apresenta como a bebida é entendida e consumida no cotidiano da diversificada população sul-mato-grossense.

Em qualquer cidade de Mato Grosso do Sul, é comum encontrar pelas ruas, calçadas, praças, varandas das residências, obras em construção e mesmo em ambientes fechados como salas de aulas e locais de trabalho, as chamadas rodas de tereré. O clima quente da maior parte dos meses favorece o consumo da bebida e os mais acostumados a consumir não a dispensam mesmo no inverno. O tereré é motivo de convite para visitas entre amigos e as rodas são os espaços onde se conversa sobre tudo; futebol, política, trabalho, amizade.

O consumo, beneficiamento e comércio da erva-mate, e nesse âmbito o consumo do tereré, está estreitamente vinculado à história do antigo sul de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, desde as últimas décadas do século XIX quando os ervais nativos começaram a ser explorados com fins comerciais. Contudo as origens do que hoje chamamos de tereré são muito mais antigas, pois, remete à uma bebida consumida por grupos indígenas, com destaque para os Guarani, que habitavam a região que hoje congrega a Bolívia, o Paraguai, a Argentina, o Uruguai e o Brasil, desde os tempos chamados coloniais (séculos XVI e XVII). Há diferentes versões, mitos e explicações diversas, sobre as supostas origens da bebida. Certo mesmo é que o seu início está perdido nas noites do tempo.

Como resultado dessa importância histórica e cultura, o Governo de Mato Grosso do Sul, em abril de 2011, publicou o Decreto nº 13.140 que determinou o registro do “Tereré de Ponta Porã como patrimônio imaterial histórico e cultural de Mato Grosso do Sul”. O tereré se tornou, assim, o terceiro bem cultural imaterial registrado no estado. Anteriormente já haviam sido registrados a cerâmica Terena e a festa do Banho de São João de Corumbá. Esse reconhecimento oficial foi resultado de um processo que começou muito antes, nos idos de 2008, na cidade de Ponta Porã, por meio dos esforços dos agentes do Departamento de Turismo daquele município. Apesar da referência específica à cidade de Ponta Porã, o tereré, conforme já mencionado, é uma bebida compartilhada em todas as cidades do Mato Grosso do Sul.

A partir desse contexto, este livro foi estruturado em 3 capítulos. O primeiro conta um pouco sobre as antigas origens do tereré; o segundo trata sobre a história da erva-mate e sua importância histórica para o estado de MS; o terceiro apresenta como se deu o processo de registro da bebida como um patrimônio estadual e, sobretudo, como o tereré se constitui

num importante elemento diferenciador, marcador de uma identidade, um jeito de ser sul-mato-grossense. É fruto de uma pesquisa que teve início em 2011, apresentada como monografia a um curso de especialização em patrimônio cultural; por isso, algumas referências e imagens deste livro terem sido coletadas há coisa de dez anos. O investimento nessa temática de pesquisa teve origem no círculo familiar, pois, tal como muitos sul-mato-grossenses, sou filho de pai paraguaio e mãe brasileira. O tereré, a chipa, a sopa paraguaia, a polca, o chamamé, o locro, o bori-bori, a língua guarani, a torcida pela seleção paraguaia de futebol foram elementos presentes na infância, nas amizades, na formação intelectual. O livro também resulta, portanto, das afetividades vivenciadas no passado e vividas no presente.

Os anos de 2020 a 2022 foram bastante turbulentos devido, entre outros motivos, à grave pandemia do coronavírus; e esse momento marcou a primeira década de registro do tereré como patrimônio do estado. É, portanto, o momento oportuno para a publicação deste livro, fruto de um projeto INCENTIVADO PELO FUNDO DE INVESTIMENTOS CULTURAIS - FIC/MS, da Fundação de Cultura do Governo de Mato Grosso do Sul. O investimento do Governo de MS cumprirá ao menos duas funções importantes: promover e divulgar o patrimônio cultural do estado e reforçar a necessidade de o próprio poder público continuar a investir, a promover as diferentes áreas culturais. A partir da cultura, atinge-se a educação, a política, a economia, a vida por inteiro. Que essa água não acabe...



CAPÍTULO I

USOS, ABUSOS, POVOS INDÍGENAS E CONQUISTADORES: AS ORIGENS REMOTAS DO TERERÉ

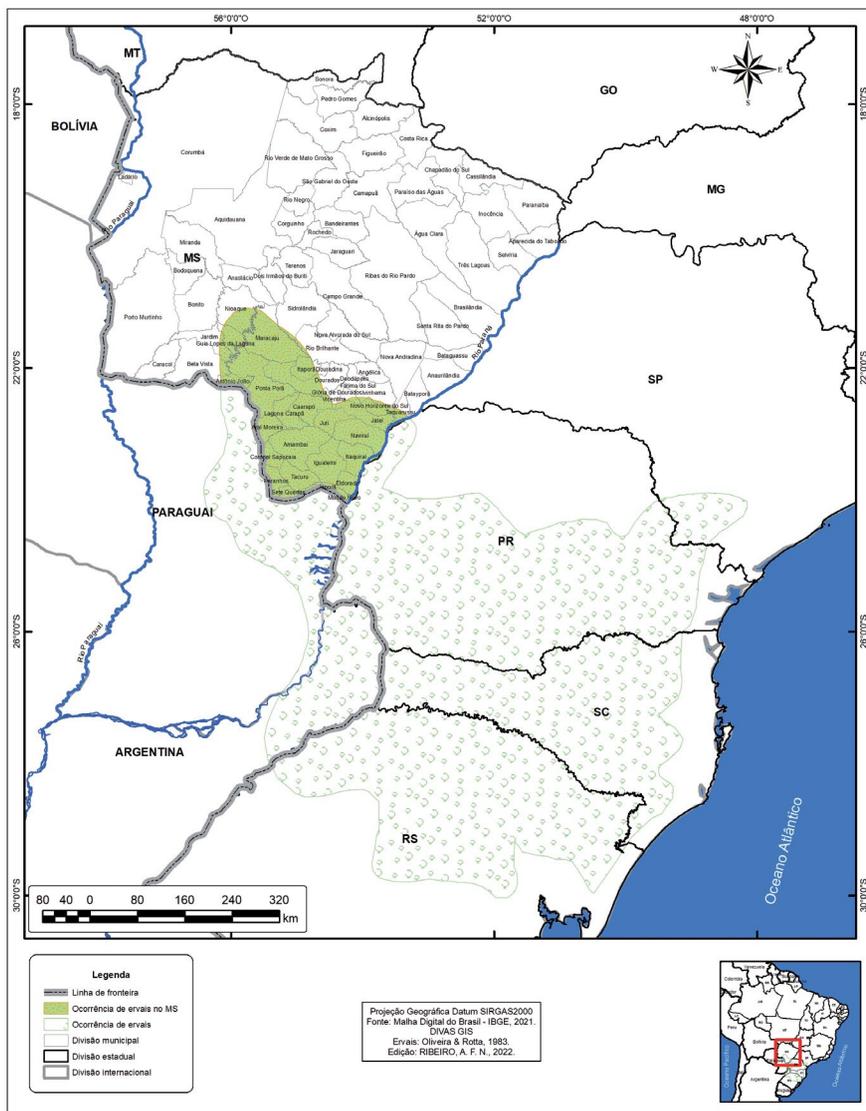
Origens do consumo da erva-mate

O consumo da erva-mate, na forma de bebida quente ou fria, tem suas origens ligadas aos povos chamados de indígenas do continente sul-americano. Em diversos livros que se ocuparam em registrar as histórias da erva, bem como em diversas páginas on-line e mesmo em embalagens de erva para tereré ou chimarrão, é possível encontrar referências afirmando que o costume de utilizar a erva-mate para o preparo de bebidas tenha se originado entre o povo Quéchua, no Peru. A palavra “mate” seria um derivado da palavra quíchua “mati”, que por sua vez significava cuia, porongo, cabaça. Assim, o termo que originalmente seria usado para designar o objeto no qual se consumia a erva acabou mudado para “mate” e adotado pelos povos sul-americanos para nomear a própria bebida (BOGUSZEWSKI, 2007, p. 20).

A área que correspondia a uma grande presença nativa da erva-mate era ocupada pelos povos Guarani¹, ou seja, um vastíssimo território entre as bacias dos rios Paraná, Uruguai e Paraguai que foi invadido por espanhóis e portugueses durante o período colonial. Essa mesma região também foi o palco de grande influência das missões dos padres jesuítas entre os séculos XVII e XVIII, cujos relatos, cartas e outros documentos mencionam por diversas vezes, ao longo dos anos, a presença dos ervais nativos, bem como o trabalho de extração e consumo do vegetal nas áreas de sua influência. Com a chegada dos espanhóis ao território que hoje compreende o Paraguai, a partir do século XVI, e o contato com povos indígenas, sobretudo os Guarani, o consumo da erva caiu no gosto dos conquistado-

1. Sobre as palavras Guarani, Tupi-Guarani ou Tupi, é importante dizer que são designações criadas ao longo de uma história de conflitos, trocas e acomodações entre grupos indígenas e entre não indígenas e indígenas. Para compreender a historicidade desses termos e a sua aplicabilidade consultar o livro *Terra madura: fundamento da palavra Guarani*, autoria de Graciela Chamorro (2008).

Mapa 01 - Área de ervais nativos no Mato Grosso do Sul



paisagens humanizadas, especialmente em territórios ocupados desde uns 2.000 anos por povos indígenas falantes da língua guarani” (EREMITES DE OLIVEIRA; ESSELIN, 2015, p. 284).

Ou seja, a afirmação de que os responsáveis por espalhar o consumo da erva-mate pelo continente foram os conquistadores, espanhóis especialmente, é apenas em parte verdadeira. Não fosse a manipulação pelos próprios povos nativos, desde tempos imemoriais, teria sido muito dificultoso ou inviável ampliar o tamanho das densas florestas para a sua exploração econômica posterior (EREMITES DE OLIVERA; ESSELIN, 2015, p. 286).

Certo é que ao longo do tempo, o consumo da mistura de água e erva se tornou a bebida predileta dentro e fora das áreas de influências de espanhóis, missionários jesuítas, mestiços (nascidos do contato, não raro forçado, entre europeus e indígenas) e posteriormente os portugueses, quando de suas atividades de exploração e ocupação no Guairá², a partir do século XVII.

Como afirmado acima, com a presença dos jesuítas, especialmente na então Província do Paraguai a partir de 1604, houve um significativo impulso à extração e produção de erva-mate. Inicialmente o uso do vegetal foi condenado pelos religiosos, como se verá adiante, contudo, após conhecer seus benefícios reconsideraram o posicionamento e buscaram aprender dos nativos o processo de elaboração. O contato com o conhecimento dos Guarani a respeito da erva possibilitou aos religiosos desenvolver o processo de preservação e germinação das sementes das plantas, amenizando o duríssimo trabalho de colheita dos galhos/folhas no interior das densas florestas, bem como possibilitando a expansão das áreas plantadas (GORTARI, 2017, p. 33).

Nas estações missionárias construídas pelos padres jesuítas a bebida era consumida provavelmente com canos de bambu e ainda que “nenhum autor faça referência a bomba metálica usada pelos espanhóis, é possível que nas missões [a bomba] tivesse sido confeccionada em estanho, do mesmo modo que se fabricavam com esse metal pratos e outros utensílios” (AMABLE; DOHMANN; ROJAS, 2012).

Além de muito apreciada como alimento, na forma de chá, a erva-mate foi durante um longo período a principal fonte de recursos das missões jesuíticas que usavam o produto para pagar o tributo à coroa espanho-

2 Região que compreendia o noroeste do atual estado do Paraná, desde o rio Paranapanema até a região da atual cidade de Guaira.

la, inclusive com o monopólio do fabrico até 1768. Era o único produto com venda certa, utilizada em toda América do Sul para o preparo de chá (AMABLE; DOHMANN; ROJAS, 2012). Os conquistadores, anteriormente guiados pela ganância da busca pelo ouro, tendo no horizonte fantasias como a cidade do El Dorado³ na região platina (que incluía a porção sul que atualmente compreende o MS) agarraram-se à oportunidade de ganhos pelo ouro verde. A atividade ervateira, nesse período recuado, às custas do trabalho indígena, foi extremamente rentável para os conquistadores e religiosos, bem como serviu aos interesses da coroa espanhola no sentido de que os núcleos coloniais, com extração do vegetal, serviram de anteparo às investidas dos portugueses desde o litoral atlântico; as disputas pelo domínio dessa atividade marcaram muitos dos acontecimentos da história política e econômica da região (GORTARI, 2017, p. 33)

Aliás, ouro verde, foi uma expressão que atravessou o tempo e marcou histórias de diferentes localidades no país, como em Mato Grosso do Sul e no Paraná, por exemplo; sempre associada ao período auge das atividades ervateiras nessas regiões. Em todas as áreas atravessadas pela história da atividade ervateira é possível encontrar essa expressão a nomear bairros, entidades, empresas e produtos.

Os padres jesuítas, a partir de suas atividades religiosas, escreviam cartas, espécies de relatórios de suas ações, e tais documentos são fontes importantes para compreender esse momento histórico da expansão das áreas e do consumo da erva-mate que, ora foi retratado como de virtudes ora de malefícios. Em tempo, esse é um assunto que ainda hoje é motivo de debate entre pessoas que apreciam, que rejeitam ou que não conhecem o “doce amargo que essa erva tem” (GRUPO ZINGARO, 1997. Roda de Tereré). Não é difícil de encontrar impresso e, sobretudo, on-line, matérias, textos, opiniões etc. a respeito dos possíveis males à saúde que o consumo do tereré poderia ocasionar; pessoas que o desconhecem estranham, por exemplo, o compartilhar da mesma bomba, de lábio em lábio. Vale dizer que os efeitos da recente pandemia reforçaram alguns estereótipos, a par dos corretos cuidados que o momento exigiu.

O padre jesuíta Antonio Ruiz de Montoya⁴, por exemplo, no livro *Conquista espiritual*, publicado em 1639, comentou sobre os efeitos do

3 Lenda que remonta à época da conquista do continente Americano e que dava conta da existência de uma cidade toda feita de ouro, bem como de outros tesouros.

4 O livro *Decir el cuerpo: historia y etnografía del cuerpo en lo pueblos Guaraní* (2009), autoria de Graciela Chamorro, é um dicionário baseado nos léxicos de Montoya e que traz referências mais amplas sobre o escrito desse religioso.

consumo da erva, utilizado como alento ao trabalho, como amenizador da fome, como remédio e como estimulante por índios, espanhóis e pelos chamados mestiços:

Los frutos que comúnmente refieren de esta yerba, son que les aliena al trabajo, que les sirve de sustento, púrgales el estomago de flemas, despierta los sentidos, ahuyenta el sueño al que desea velar... los indios la toman con medida una vez al día; los españoles han hallado remedio en ella contra todos os males e dicen que es muy experimentado remedio contra el mal de orina (MONTROYA, 1639, cap. VII).

Tal como o trecho acima, outros relatos jesuíticos, num primeiro momento, emolduraram o vegetal e o seu consumo de forma negativa. O nome de “erva do diabo” foi utilizado pelo próprio Antonio Montoya, que acreditava ter sido a árvore uma invenção do demônio para fins de feitiçaria, já que a compreensão do jesuíta sobre o uso do vegetal em rituais, cerimônias pelos índios era atravessado por sua compreensão cristã de mundo, distorcida da realidade que fazia sentido para aquele povo originário. Somado a isso, estava o efeito estimulante ou amenizador da erva para o pesado trabalho ao qual os índios foram submetidos em sua exploração na Serra de “*Mbaracayú*”, área que hoje corresponde ao extremo sul de Mato Grosso do Sul e que no território paranaense continua com o nome de Maracaju (MELIÀ I, 1995, p. 38; II, 1995, p. 38)⁵. Por essas razões, os religiosos jesuítas tentaram, durante certo tempo, exercer o controle sobre o consumo de “*la yerba*”. Alguns desses relatos dão conta de que a pessoa que consumisse o vegetal era considerada pessoa infame, digna de excomunhão e reprovação. Em outras ocasiões, há relatos de que o uso era aceito apenas para fins medicinais, se recomendado por um médico, tal como registrou o padre Marciel de Lorenzana, em um informe de 1620 publicado na Coleção de Angelis⁶:

Esta yerba, y también el petý, que es tabaco, solía ser antiguamente tan odiosos el tomarlos en esta tierra que tenían por hombre infame a quien lo tomaba y estaba prohibido com excomunióñ, si no era a los que lo hacian por enfermedad con licencia del médico (LORENZANA, 1951, p. 174).

5 *La yerba del diablo* também foi o título de uma série de artigos publicados pelo historiador e teólogo jesuíta Bartomeu Melià na *Revista Accion (Revista Paraguaya de Reflexión y Diálogo)* publicada pelo Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch-CEPAG) a partir 1995. Além de dados sobre o consumo da erva como bebida, informa sobre as supostas origens sobrenaturais do vegetal e os aspectos positivos e negativos presentes na história do uso do mate.

6 Coleção de obras impressas e manuscritas que tratam principalmente do Rio da Prata. Foi reunida por Pedro De Angelis (1784-1859). É composta de mais de 1.200 documentos produzidos no período compreendido entre o século XVI e o século XIX.

Antonio Montoya, também registrou dúvidas sobre quais benefícios ou malefícios o consumo da erva-mate poderia ocasionar, além de registrar o incômodo com o preço em que era vendida – coisa, aliás, que para muitos não mudou:

Yo no dudo que tenga virtud (aunque nunca la he probado), pero el abuso en usarla es condenable, en su trabajoso beneficio, en la estimación y aprecio, en los efectos de sustentar con aliento al que trabaja, en el subido precio en que se vende (MONTROYA, 1639, cap. VII).

Já o padre Antonio Sepp, além de registrar os efeitos benéficos, mencionou o gosto das mulheres pela bebida:

[...] esta yerba es muy sana y tiene efectos beneficiosos en varios aspectos: refresca los pulmones y el hígado ardiente, no deja que se formen ni arenilla ni cálculos en los riñones o en la vesícula. Calma la sed, quita el hambre y reconforta el estómago, es un poco amarga y templada la atrabilis. Por todas estas razones es altamente cotizada por los indios y tomada a diario. Y las mujeres no se quedan atrás de los hombres en el consumo de la yerba (SEPP, 1974, In: AMABLE; DOHMANN; ROJAS, 2012).

O olhar e a escrita dos jesuítas sobre a erva-mate e as atividades que envolveram sua utilização foram registrados sob o ponto de vista de religiosos que tinham como missão a catequização (controle) dos indígenas, especialmente os Guarani⁷, em determinado espaço. Foram, portanto, textos construídos com o objetivo de infundir a piedade, revelar os supostos erros (materiais e espirituais) nos quais os indígenas estariam submetidos. Isso pode explicar, em parte, o receio com o qual os religiosos elaboraram os primeiros registros sobre o consumo da erva-mate.

Contudo, o uso da erva-mate como alimento nas áreas de presença dos jesuítas e espanhóis logo caiu no gosto geral, de tal forma que o padre jesuíta Lorenzana, citado anteriormente, registrou que o vício havia se espalhado e contaminado até os “*cabezas*” (lideranças) locais. A palavra “vício” associada ao uso da erva-mate continua até hoje. No caso do tereré, é comum no MS a autodenominação de “viciado em tereré” (“pecado”, aliás, que o escritor deste texto não abre mão!). Outra pecha que aparece no registro de Lorenzana sobre o mate e que ainda hoje permanece com relação

7 O livro O medo instrumentalizado, autoria de Antonio Dari Ramos, oferece uma visão ampla da tentativa de controle dos indígenas pelos padres da Cia. de Jesus e possibilita encontrar outras referências para o estudo do tema (2007). O livro Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica (2013), autoria do professor André Luis Freitas da Silva, demonstrou que nos espaços sob a influência dos jesuítas haviam também elementos de outros grupos indígenas, não necessariamente Guarani.

ao consumo do tereré é a associação do tomador⁸ como uma pessoa supostamente preguiçosa, não dada ao trabalho, ou simplesmente visto como um mau exemplo, sobretudo, se a bebida for consumida em horários ou locais de trabalho ou estudo, por exemplo.

Pero después concurrieron los cabezas en esta ciudad, el uno administrador de este obispado y el otro teniente general de gobernador, los cuales se dieron a este vicio tan sin rienda, que todo el pueblo se fue tras ellos y son muy raros los que no tienen este vicio, tanto puede el mal ejemplo de los cabezas (LORENZANA, 1951, p. 174).

Após esse panorama a respeito desses primeiros registros escritos sobre o consumo da erva, convém ressaltar que nesses materiais há também relatos que a bebida era absorvida com água natural, então chamada de “refresco”. Essa forma de beber a erva, especialmente entre os Guarani, pode ser considerada como uma das origens remotas para o tereré (MELIÁ, 1995, p. 36). Se considerarmos que a área da presença dos ervais nativos, sob a influência dos jesuítas, ocupa uma região que em determinadas épocas do ano faz muito calor, tal afirmação não é de todo desprezível. Da mesma forma que, em tempos frios, o aquecimento da água a ser utilizada trazia alento. Além disso, o imenso trabalho árduo e penoso ao qual esses mesmos indígenas eram submetidos pelos conquistadores, não combinaria com uma boa dose de água “*caliente*” em dias de calor, sobretudo, em meios aos densos ervais.

Quanto ao uso da palavra “refresco”, nessas fontes coloniais, Bartomeu Meliá recorreu ao livro Mercado interno e economia colonial, do historiador argentino, de origem colombiana, Juan Carlos Garavaglia, que afirmou:

Durante os primeiros cem anos do consumo da erva-mate fora dos marcos da cultura indígena, se manteve o uso como vomitório [...] e como refresco, havendo sido agregado posteriormente o uso da tradicional cabaça e da bomba. Depois parece haver sido perdido esse uso de provocar vômito – salvo em usos estritamente medicinais – e surge a utilização como infusão teiforme [chá preparado com as folhas embebidas em água quente, o chá dos jesuítas]. É evidente que quando dizemos refresco nos referimos tanto ao mate com água fria (em que pese uma crença muito difundida no Paraguai, não nasce durante a Guerra do Chaco, mas sua origem se perde na noite dos tempos), como de água quente. Se fala já do tereré pelo menos em um documento de 1655 (GARAVAGLIA, 1983, p. 42. In: MELIÁ, 1995, p. 37).

Os autores acima não explicitaram se no tal “documento de 1655”, não especificado, aparece a palavra tereré, ou se esta foi uma interpreta-

8 Nome dado no MS à pessoa que aprecia o tereré.

celebração à proibição, do incentivo à desconfiança. Nas palavras de Derlis Alvarenga, ela “passou de mão em mão, de século em século, de povo a povo; em um caminho cujo final não se vislumbra. Para os habitantes originários das terras dos ervais nativos, a erva-mate sempre foi motivo de festas, danças, cantos e alegrias; para os conquistadores e mestiços, motivo de poder, escravização e lucro” (ALVARENÇA, 1997, p. 23).

Usos, modos, males e virtudes de ontem e de hoje

É impossível pensar no tereré sem água fria ou gelada. Mas, obviamente não existiam geladeiras ou garrafas térmicas no passado mais remoto dos povos indígenas, ou mesmo até princípios do século XX, quando os primeiros refrigeradores começaram a adentrar os espaços das casas mais abastadas nos países mais desenvolvidos. A julgar pela técnica que perpassou longo período de tempo e que ainda é conhecida em lugares distantes das grandes cidades, de resfriar e manter a temperatura da água, é possível ter ideia de como se dava o consumo do que hoje chamamos de tereré. Nos interiores do país, diante da dificuldade de se conseguir gelo ou água gelada, as pessoas mantinham considerável quantidade de água em jarros, potes de argila, o que mantinha a água em temperatura fria, adequada para refrescar o calor; desse recipiente, a água era retirada em pequenas quantidades por meio de um copo ou caneca. Em dias mais quentes, se poderia utilizar da técnica de revestir uma cabaça ou qualquer outro recipiente com um tecido grosso, a exemplo da estopa, e depois de encharcado em água, o manter na sombra, ou ainda enterrar uma parte numa porção de terra com sombra constante; isso permitia à água armazenada manter a temperatura mais baixa. Em locais com riachos ou rios, se poderia ainda amarrar tal recipiente numa corda e deixar mergulhado na água.

Sobre o uso da cabaça, é importante dizer que a domesticação dessa planta (espécie *lagenaria siceraria*), que popularmente leva o nome de porongo, poronga, cuia, cabaça, é muito antiga, tendo suas origens no continente africano há aproximadamente 250 mil anos (NEJELISKI, 2015, p. 39). A partir de uma espécie selvagem (*zimbabwe selvagem*) teriam surgido outras duas linhagens, uma africana e uma asiática, sendo a africana a que teria originado o ancestral que chegou ao continente americano, entre 60.000 a 103.000 anos. Do continente africano, as sementes teriam sido espalhadas para outros continentes por via marítima; ou seja, o uso da cabaça para absorver a erva-mate também tem suas origens nos povos indígenas do continente. Ainda hoje, em localidades interioranas,

rurais, a cabaça é utilizada como recipiente para diversos usos domésticos, servindo de copo, jarra, comedouro e ninho para aves, bem como para confecção de artesanatos diversos. É o fruto que dá origem às cuias de chimarrão, sendo também encontradas em formatos para o tereré, como na imagem a seguir.

Ilustração 01 - Cua de cabaça e caniço de madeira



Fonte: Marcelo Batista Prestes, 2023.

Item indispensável para tomar o tereré é a bomba. Contudo, o consumo antigo da água de erva não necessariamente era feito com o uso de um acessório.

O escritor argentino, Francisco Scutella, no livro *El mate*, ao referenciar o missionário jesuíta Florian Baucke, o qual, no século XVIII, conviveu com indígenas na região da atual província de Santa Fé, Argentina, escreveu que tais pessoas consumiam a erva-mate de uma maneira bastante distinta. Baseado nos relatos do missionário, escreveu que “em uma cabaça cortada pela metade se acrescentava um pouco de erva-mate e, sobre ela, a água não muito quente. Com o lábio superior retinham a erva para que não passasse ao interior da boca, sorvendo a água por entre os dentes dianteiros, tal como se fora um filtro” (SCUTELLA, 1993, p. 103 *apud* ALVARENGA, 1997, p. 25).

Nesse relato não há menção a qualquer objeto que possa lembrar a atual bomba usada no tereré. Nesse modo de consumir, é provável que pequenas partículas das folhas fossem consumidas de modo intencional pelos

indígenas, já que o vegetal era bebido não apenas como meio refrescante, mas para fins curativos e alimentícios (p. ALVARENGA, 1997, p. 27). Nesse tipo de uso, a água não era, portanto, nem fria nem quente, tal como utilizada nos dias atuais no tereré ou chimarrão.

Quanto à bomba, como já mencionado anteriormente, é provável que as primeiras formas de absorver o sumo da erva-mate, pelos indígenas, tenha sido feito sem a utilização de um acessório ou a depender da ocasião ou intenção com o uso de algum tipo de tubo pequeno, caniços de taquara/bambu, outro tipo de vegetal ou ainda de pequenos ossos de animais, que pudesse servir para o transporte da água e como filtro para as folhas do vegetal. A imagem abaixo ilustra essa forma, tanto para a bomba quanto para o “copo”; atualmente também é possível encontrar “guampas” de bambu para tereré.

Ilustração 02 - Copo e bomba de bambu



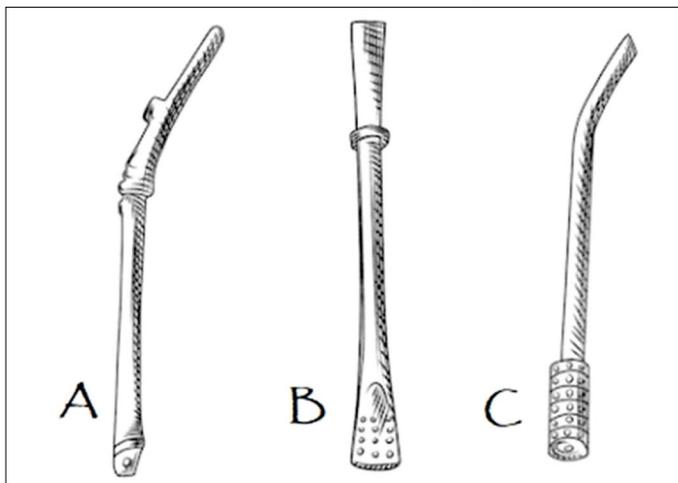
Fonte: Marcelo Batista Prestes, 2023.

Bartomeu Meliá, importante estudioso espanhol que viveu por muitos anos no Paraguai e que foi uma das maiores autoridades no estudo da cultura Guaraní, afirmou que, nos documentos antigos produzidos pelos padres jesuítas, há poucos relatos sobre o uso de algum “caniço” de madeira ou metal para ingerir a água da erva. No entanto, Meliá transcreveu um trecho escrito no século XVIII pelo padre Martín Dobrizhoffer, afirmava que “os espanhóis sorvem por um caniço de prata...outros se servem de um caninho de madeira ou de algum caninho. Os índios que não fazem uso desse caninho absorvem involuntariamente uma quantidade de erva” (MELIÁ, 1995, p. 37).

A bomba de metal, hoje largamente usada no tereré, tem sua origem mais próxima à história do chimarrão, ou apenas mate, nos países vizinhos. Foi uma introdução europeia, possivelmente no século XVIII, em busca de melhor comodidade para consumir o sumo da erva, especialmente a de água quente, aperfeiçoando, assim, o modo de fazer dos indígenas, em especial o filtro do vegetal. Além disso, a bomba de metal possibilitou o uso de água mais quente, o que per-

A origem da palavra “bomba” estaria relacionada ao uso do caniço de taquara pelos índios Guarani e pelos índios Charrua, povo que também ocupava regiões dos rios Paraná e Uruguai, atual província de Santa Fé, na Argentina. Essas pessoas escolhiam um caniço pequeno cortado de nó ao nó e, posteriormente, apenas o nó superior era totalmente aberto e o inferior mantido e perfurado diversas vezes, de maneira a funcionar como um filtro para as folhas da erva. Essa técnica teria sido rebatizada pelos conquistadores espanhóis, pois a sucção da água de erva-mate fazia lembrar uma “bomba”, máquina capaz de deslocar água, sendo essa a origem para o diminutivo “*bombilla*” que se popularizou no espanhol (LORENZO, 2010, p. 38). Como se pode notar nos desenhos abaixo, há as que remetem aos antigos caniços, com o filtro constituído de furos na própria haste de sucção. A figura A remete à de bambu, a figura B, remete à bomba de madeira e atualmente é feita de plástico ou metal; já a figura C remete à bomba feita de metal.

Ilustração 04 - Bombas de metal/plástico



Fonte: ©Can Stock Photo / yellowdesign, 2023.

Já no século XVIII, era possível encontrar nos países platinos *bombillas* de prata com bocais de ouro, adornadas de outras pedras preciosas como rubis ou diamantes, vendidas a preços elevadíssimos. Nos séculos XIX e princípios do XX era possível encontrar bombas de diferentes tamanhos, entre 20 e 30 centímetros, de metal não precioso como estanho ou ferro, madeira, ouro, prata, alpaca, palha e vidro.

Retomando as origens remotas do tereré, Derlis Alvarenga afirma que após a invenção das bombas metálicas quase não há menção ao uso desse

acessório para o consumo da erva com água fria, sendo que “para falar de um antecedente remoto do tereré nesta época, teria que se falar mais em água fria do que em água quente”, o que não foi o caso (ALVARENGA, 1997, p. 41).

Tal como se afirmou anteriormente, o surgimento do tereré, como é conhecido, se perdeu nas noites do tempo.

Fato é que a bomba é item indispensável para saborear o tereré. E ela foi, ao longo de toda a história do consumo da erva-mate, um pivô de desconfiança. A bomba esteve, e ainda permanece, sob suspeita. Esse desconforto, que também é antigo, provém do compartilhamento, boca em boca, do mesmo acessório. As pessoas não acostumadas ao tereré, especialmente as que o conhecem pela primeira vez, estranham essa partilha.

Derlis Alvarenga registrou que tal preocupação já esteve presente entre o século XVIII e XIX com a confecção das primeiras bombas metálicas; mesmo antes, nos relatos dos padres jesuítas, havia a percepção, o estigma, de que a ingestão da água com sabor de erva era algo sujo, que trazia danos, uma espécie de vício, como já afirmado anteriormente.

Conforme transcreveu Bartomeu Meliá, a partir dos escritos do historiador jesuíta Pedro Lozano, o procurador da coroa espanhola em Assunção, atual Paraguai, Alonso de la Madrid, no ano de 1596, atribuiu à ingestão da erva-mate alguns efeitos danosos (MELIÁ, 1995, n. 155, p. 39). O primeiro estava relacionado à colheita do vegetal, que exigia muitas vidas indígenas que por adentrarem lugares pantanosos “*contraían muchas enfermedades*”, desamparando suas próprias famílias. Em segundo, as altas dívidas que os espanhóis e mestiços contraíam por comprar grandes quantidades de erva-mate além de suas necessidades; esse endividamento seria ocasionado por que essas pessoas passaram a ser mais “viciadas” que os próprios índios. Escreveu o procurador que “*se ha extendido tanto el vicio y la mala costumbre de tomar yerba entre los españoles, sus mujeres e hijos que exceden en ello a los índios*”. Outra percepção do procurador, era de que as rodas, os ajuntamentos dos espanhóis para tomar a erva, servia de espaço para conversas a respeito da vida alheia, sem nenhum tipo de vergonha; e clamava pelo pudor que os espanhóis deveriam ter (MELIÁ, 1995, n. 155, p. 39). Aqui se nota a associação, percepção, que também atravessou o tempo, ou seja, de que o consumo de erva-mate, nesse caso o tereré, seria um hábito de pessoas desocupadas, folgadas ou não dadas ao trabalho e que, portanto, cuidariam da vida alheia.

Nesse mesmo sentido, o de que as rodas de “*tomar la yerba*” impedia as pessoas de servirem a Deus de maneira correta, escreveu o procura-

dor: “*porque por tomarla, no oyen misa ni sermones, quebrantan los ayunos [quebram os jejuns] y dan mal ejemplos a los hijos que siguen a los padres*” (MELIÀ, 1995, n. 155, p. 39).

Além de entender o consumo da erva como “vício” e “abuso”, o procurador Alonso de la Madrid registrou que havia muitos outros males provocados pela “*yerba*”, que por ser “tão sujas” não se atrevia a mencionar.

Percepção semelhante apareceu num documento do governador do Rio da Prata e do Paraguai, Diego Marín Negrón, entre os anos de 1609 a 1613, que afirmou:

Hay en esta gobernación generalmente entre hombres y mujeres un vicio abominable y sucio que es tomar algunas veces al día la yerba con gran cantidad [...] con grandísimo daño de lo espiritual y temporal [...] hace de los hombres holgazanes [preguiçosos], que es la total ruina de esta tierra y como es tan general, temo que no la podrán quitar, si Dios no lo hace [...como é tão generalizada, temo que não possam acabar, se Deus não o fizer] (MELIÀ, 1995, n. 155, p. 39).

Escreveu o historiador Bartomeu Melià que as razões, proibições, advertências, censuras, penas ou más compreensões sobre o consumo da erva-mate não foram suficientes para deter o uso da mesma. “Não havia o que fazer; o uso e hábito de tomar mate se estendeu entre mestiços e espanhóis, entre ricos e pobres [...] o moralismo mais estrito não pode superar o gosto por uma bebida tão humilde e desejada (MELIÀ, 1995, n. 156, p. 36).

As controvérsias em torno da bebida de erva-mate atravessaram os tempos. Se nos tempos coloniais compreendia os costumes, a moral ou a religião, a partir do século XX surgiram polêmicas quanto aos benefícios ou malefícios à saúde dos consumidores.

Figura 01 - Efeitos do tereré



Fonte: <https://www.unoeste.br>; Acesso set. 2022.

Recentemente o tereré foi novamente posto à prova. Os dois anos intensos de pandemia de COVID-19 representaram um corte na história da bebida, pois o compartilhamento do tereré foi desaconselhada, quando não proibido, ao menos no espaço público.

Figura 03 - Pandemia e tereré

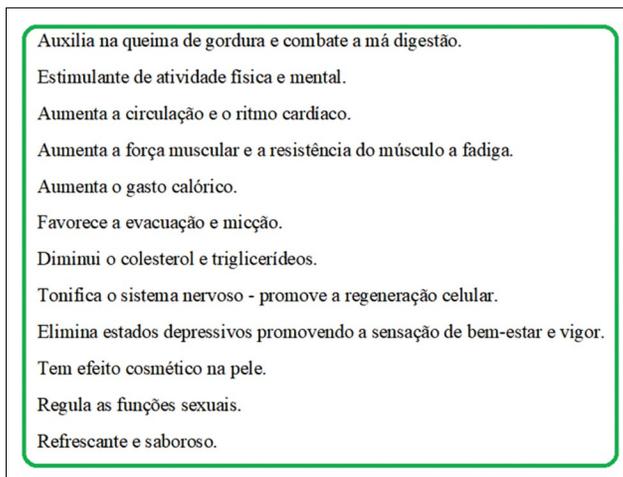
 <p>Comportamento</p> <p>No tereré da covid-19, galera jura que só divide bomba entre os íntimos</p> <p>Tem até quem leve sua própria bomba ou canudo de metal para tomar um gole – adaptação a um hábito cultural pra lá de enraizado</p> <p>Por Raül Delvísio 20/12/2020 07:00</p> <p>https://www.campograndenews.com.br/halo-h/comportamento-25-05-2011-05/no-tereré-da-covid-19-galera-jura-que-so-divide-bomba-entre-os-intimos</p>	 <p>Fazenda muda rotina da roda de tereré para deixar Covid-19 fora da porteira</p> <p>Na hora do tereré na Fazenda Lageado, em Dois Irmãos do Buriti-MS, cada funcionário leva sua própria guampá e bomba para se refrescar</p> <p>PUBLICADO EM 07/08/2020 ÀS 09:04 POR: JOSE LUIZ JACQUES NETO - ATUALIZADO EM 02/11/2021 ÀS 22:09</p> <p>https://www.girodobo.com.br/noticias/fazenda-muda-rotina-da-roda-de-tereré-para-deixar-covid-19-fora-da-porteira/</p>
 <p>Tomar tereré ou chimarrão de forma solitária? Talvez seja esse o caminho em tempos de COVID-19</p> <p>2020, 03 de abril de 2020 às 16:00</p> <p>http://www.asmmp.org.br/Noticia/ver/tomar-tereré-ou-chimarrão-de-forma-solitária-talvez-seja-esse-o-caminho-em-tempos-de-covid-19</p>	 <p>FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE</p> <p>C954e CROZETTA, Ricardo Alexandre.</p> <p>Erva Mate (tereré): utilização e correlação com a infecção do Coronavírus 2019- / por Ricardo Alexandre Crozetta. Anuários FAEMA, 2020, 43 p.; 2.</p> <p>TCC (Graduação) – Bacharelado em Farmácia – Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA.</p> <p>Orientador (a): Profa. Ms. Keila de Assis Vitorino.</p> <p>1. Erva Mate. 2. Tereré. 3. COVID-19. 4. Coronavírus. 5. Transmissão. 1 Vitorino, Keila de Assis. II. Título. III. FAEMA.</p> <p>CPD615.4</p>



Fonte: @pensandonafrenteira; Acesso em jul. 2021.

Na ilustração abaixo, pode ver uma descrição dos mais comuns benefícios associados à bebida.

Ilustração 05 - benefícios associados à erva mate



Fonte: Elaboração do autor

Além disso tudo, a importância do consumo da erva-mate para a história do antigo sul de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, deve-se também à relevância econômica que a extração do vegetal teve de fins do século XIX a meados do século XX.



CAPÍTULO II

A ERVA-MATE NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO E MATO GROSSO DO SUL: FRONTEIRAS, IDENTIDADES E MEMÓRIAS

A incorporação da erva-mate nos costumes regionais

A exploração da erva-mate em grande escala e de forma sistemática, no antigo sul de Mato Grosso, teve início nos últimos anos do século XIX, após o término da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai. Por volta de 1880, o vegetal já era extraído na região do município de Ponta Porã nos ervais nativos. Dessa localidade, o produto seguia de carretas até Concepción no Paraguai e dali para Buenos Aires, onde era beneficiado. Conforme o historiador Paulo Roberto Cimó Queiróz, “os bosques nativos de erva-mate foram explorados, com vistas à exportação [...] –, até os anos 1960, tendo sempre a Argentina como principal mercado. Até meados do século XX, a maior parte da produção provinha de uma única empresa”, a Mate Laranjeira (QUEIRÓZ, 2022, p. 1).

Em qualquer pesquisa a respeito da história da erva-mate em Mato Grosso do Sul, especialmente no ambiente virtual, o nome Mate Laranjeira estará presente. Portanto, descrever a atividade ervateira no antigo sul de Mato Grosso implica necessariamente mencionar as atividades desenvolvidas por essa empresa. Tomás Laranjeira, fundador da Companhia, é constantemente referenciado como o “iniciador da indústria ervateira em terras sul-mato-grossenses”, mas foi “apenas o primeiro a conseguir legalizar sua atividade perante os poderes públicos” (QUEIRÓZ, 2022, p. 8).

Após a proclamação da República em 1889, a exploração dos ervais foi predominantemente efetivada pela Mate Laranjeira, especificamente entre a década de 1890 e 1940. O concessionário dessa empresa foi Tomás Laranjeira que, através do Decreto nº. 8.779 de 9 de dezembro de 1882, obteve permissão do Governo Imperial para explorar a atividade ervateira por dez anos, nos limites de Mato Grosso com o Paraguai. Os contratos de exploração dos ervais foram constantemente renovados ao longo das

primeiras décadas republicanas tendo em vista os interesses dos dirigentes da Companhia, que possuíam grande influência na política regional e até nacional. Apesar das concessões para exploração dos ervais terem sido concedidos, primeiramente a Tomás Laranjeira e posteriormente à Companhia, havia outros pequenos produtores independentes que à revelia da influência da Cia. Mate faziam a exploração do produto.

A Companhia Mate Laranjeira sempre conviveu com a presença de produtores independentes. Tais indivíduos eram chamados pela empresa de contrabandistas, ladrões ou posseiros. Entre esses, estavam muitos pequenos comerciantes, índios e não índios que se recusavam a vender o seu produto à empresa, ou o faziam, embora não fossem funcionários da mesma (JESUS, 2004, p. 17).

A importância econômica e política da erva-mate, o ouro verde de Mato Grosso, ou melhor, da Cia. Mate Laranjeira, foi tamanha que nas primeiras décadas do século passado a empresa chegou a ter como área de influência aproximadamente cinco milhões de hectares de terras empregando milhares de funcionários, a maior parte paraguaios e indígenas, especialmente os Guarani e Kaiowá (ARRUDA, 1997, p. 17).

Foto 01 - Funcionários da Campanário no erval.



Fonte: Coleção Memória fotográfica de Dourados. Pasta Campanário, década de 1930. CDR/UFGD.

Conforme Queiróz (2022, p. 02), ao longo de quase vinte e cinco anos a empresa “deteve o monopólio da exploração em praticamente toda a área de ocorrência dos ervais”, tendo perdido essa concessão exclusiva em 1916, mas seguindo como “a grande arrendatária até o ano de 1949”.

A principal sede da empresa foi a fazenda Campanário, localizada na região do atual município de Amambai. Campanário era uma localidade com ares de cidade grande. Possuía eletricidade, escola, hotel, fábrica de gelo, telefone e cerca de dois mil habitantes. Nos primeiros anos de funcionamento, a Cia. Mate utilizava o porto Murtinho (Parte Norte de MS) para realizar o escoamento pelo Rio Paraguai e de navios até Buenos Aires. Décadas seguintes, o escoamento da erva-mate sofreu nova alteração, passando a ser exportado pelo Rio Paraná (ARRUDA, 1997, p. 61).

Contudo, a década de 1930, especialmente com a política do então governo Getúlio Vargas que ficou conhecida como Marcha para o Oeste, pode ser tomada como um marco para o declínio do predomínio da Mate Laranjeira no então sul de Mato Grosso, tanto em questões territoriais como econômicas. O Governo Federal implementou diversas ações com o objetivo de “nacionalização das fronteiras”, a expansão de pequenas propriedades e a ocupação dos ditos “espaços vazios” que de vazios não tinham nada uma vez que os Guarani e Kaiowá já habitavam a região há muito tempo. O projeto de pequena propriedade e a Constituição Federal de 1937 proibiam arrendamentos de grandes áreas de terras nas faixas de fronteiras, fato totalmente contrário à estrutura da empresa Mate Laranjeira, que tinha sob sua influência praticamente toda a região sul do que hoje constitui o Estado de Mato Grosso do Sul (ARRUDA, 1997, p. 23).

Com a Marcha para o Oeste o governo Vargas não renovou o contrato de arrendamento de terras à Cia. Mate Laranjeira e a produção da erva-mate passou a ser estimulada por meio de cooperativas de pequenos e médios produtores. Outro fator que concorreu para o declínio da atividade ervateira na região foi a diminuição do mercado consumidor, especialmente, com o início da produção dos ervais argentinos. A empresa Mate Laranjeira não foi totalmente desalojada com as políticas de Vargas e a concorrência de outros mercados, porém, seus domínios foram abalados (JESUS, 2004, p. 18).

Nesse período, conforme os estudos realizados por Paulo Roberto Cimó Queiróz, “embora menor que a dos demais estados ervateiros, a produção sul-mato-grossense foi significativa em termos nacionais” (QUEIRÓZ, 2022, p. 4).

Mesmo após o fim do Estado Novo, a Companhia não conseguiu renovar o contrato de concessão para exploração dos ervais. Assim, a Cia. Mate foi progressivamente deixando o negócio ervateiro. No ano de 1952, a fazenda Campanário, principal ícone da empresa, foi vendida e daí para frente, a empresa continuou de forma ínfima a explorar a erva até meados de 1960, quando o mercado argentino suspendeu de vez a importação do produto (JESUS, 2004, p. 18). A produção da erva-mate nunca se extinguiu por completo na porção sul do antigo Mato Grosso; ainda hoje é possível encontrar pequenas produções.

Foto 02 - Trabalhadores na colheita



Fonte: Coleção Memória fotográfica de Dourados. Pasta Campanário, década de 1930. CDR/UFGRD.

Quando em plena atividade, a empresa Laranjeira era organizada sob a forma de ranchos, a estrutura básica da produção. Era nos ranchos que ocorriam a elaboração da erva, desde a localização das árvores na mata ao tritramento, secagem e ensacamento. Os ranchos eram geralmente instalados em clareiras nos ervais, preferencialmente nas proximidades de córregos ou rios, de forma a facilitar a exploração e a manutenção da estrutura da empreitada. As instalações de um rancho não passavam de pequenas casas de pau-a-pique ou sapé, o barbacué (um tipo de girau para secagem da erva), um local para tritramento, um local para os animais e um depósito.

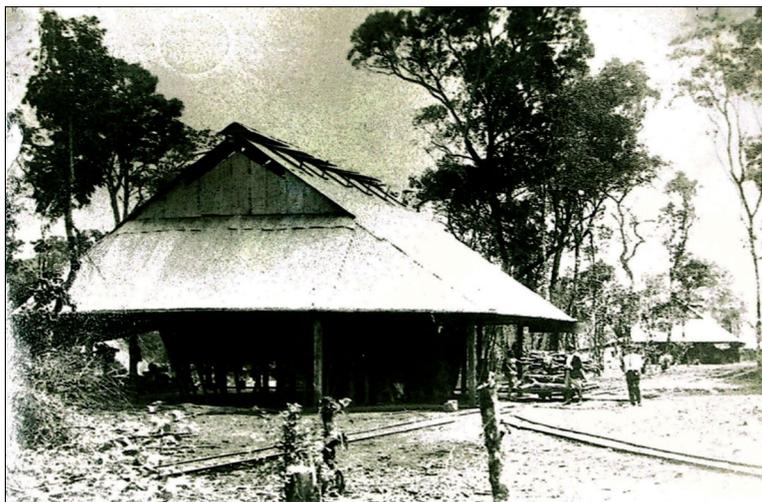
Foto 03 - Galpão com barbacué.



Fonte: Coleção Memória fotográfica de Dourados. Pasta Campanário, década de 1930. CDR/UFGD.

Acrescido dos mineiros, nome dado aos trabalhadores dos ervais, e dos que coordenavam as atividades do rancho, estava pronto o núcleo da empresa da erva-mate. Esse processo de beneficiamento do vegetal é bastante semelhante à técnica registrada em fontes produzidas por padres jesuítas no período colonial, ou seja, a colheita/corte, transporte, sapeco, trituração e consumo/ensaque.

Foto 04 - Vista externa de barbacué.



Fonte: Coleção Memória fotográfica de Dourados. Pasta Campanário, década de 1930. CDR/UFGD.

Foto 05 - Barbacué



Fonte: Coleção Memória fotográfica de Dourados. Pasta Campanário, década de 1930. CDR/UGFD.

Os mineiros eram os principais agentes do processo de exploração da erva-mate, sobretudo os paraguaios e os indígenas Guarani e Kaiowá. O trabalho dessas pessoas era difícil, penoso, em condições semelhantes à escravidão. No livro *Selva trágica*, Hernani Donato narrou de forma poética o cotidiano dos ervais no sul de Mato Grosso. Dentre outros aspectos, Donato descreveu o dia-a-dia do ervateiro, com destaque para o tereré:

O dia do mineiro, peão cortador de erva, começa no meio da noite [madrugada]. A mata, os bichos, os caminhos, as aves dormem ainda e o primeiro estremece. Cansado das vésperas e das muitas vésperas. Prepara o tereré, enrola nos pés e nas pernas a plantilha, bebe tereré, calça as botas de couro, bebe tereré, come bocados de comida sobrada da tarde anterior, bebe tereré e mergulha no caatin (ervais) [...]. Ao fim do sapeco o sol está todo de fora. A manhã cresce com um calor de trinta e nove graus, ajuntando pernalongos e biriguis no suor dos homens já entregues às manobras do depinico. Arrancam aos punhados as folhas ainda quentes, depositando-as no raído: um trançado de correias compondo o fardo que o homem levará nas costas, sustentado pela cabeça, os ombros, a espinha. O raído médio deve pesar dez arrobas paraguaias (100 quilos). O máximo é o limite de forças do mineiro. Uma vez debaixo dele, o homem tem que levá-lo ao destino ou cair ao chão – geralmente com a espinha partida. Muitos morreram assim... (DONATO, 1976, p. 17).

A atividade de elaboração da erva era penosa, porém simples, mas o êxito dependia em alto grau da habilidade dos mineiros, no corte, sapeco, secagem e trituração (QUEIRÓZ, 2022, p. 4).

Ilustração 06 - Mineiros com raídos



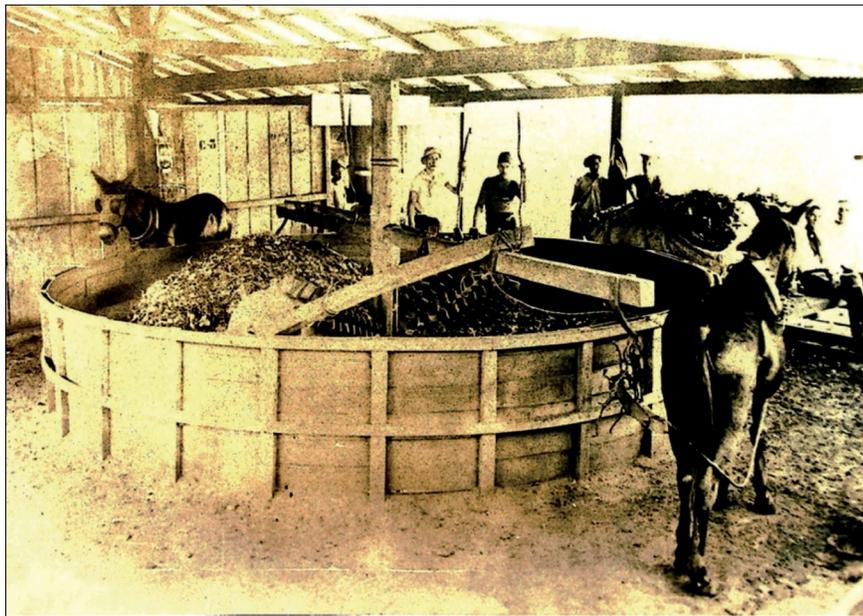
Fonte: IEL, 1986, p. 62, 58.

Foto 06 - Traje do trabalhador do erval.



Fonte: Coleção Memória fotográfica de Dourados. Pasta Campanário, década de 1930. CDR/UFGD.

Foto 07 - Trituração de erva-mate.



Fonte: Coleção Memória fotográfica de Dourados. Pasta Campanário, década de 1930. CDR/UFGD.

A presença dos paraguaios nas atividades de extração e manejo da erva-mate foi imensa. O grande número desses trabalhadores, aliados aos indígenas, fez, por exemplo, predominar nas áreas dos ervais sul-mato-grossenses a língua Guarani. Tal como os demais indivíduos, os paraguaios que lidavam diretamente nas atividades de extração e beneficiamento da erva-mate viviam numa situação de extrema exploração nas áreas sob a influência da Cia. Mate.

O braço paraguaio foi fundamental para o desenvolvimento da atividade ervateira no antigo sul de Mato Grosso. Conforme afirmou o historiador Gilmar Arruda (1997, p. 87) o saber-fazer dos paraguaios se mostrou “indispensável e insubstituível, prova cabal de que a tradição cultural dos paraguaios revelava o seu conhecimento e sua prática como ervateiros”.

Assim, o crescimento da extração da erva-mate no sul de Mato Grosso foi possível por meio da utilização de mão-de-obra de trabalhadores paraguaios, a quem cabia executar essa atividade. Os paraguaios, que nos períodos de colheita atravessavam a fronteira para trabalhar nos ervais, tais como os indígenas, formavam uma fonte de mão-de-obra barata, utilizados

muitas vezes em trabalhos forçados sob a vigilância dos comitiveros¹ (JESUS, 2004, p. 45).

Foto 08 - Ensacamento da erva.



Fonte: Coleção Memória fotográfica de Dourados. Pasta Campanário, década de 1930. CDR/UFGD.

A migração desse grande contingente de paraguaios para os ervais de Mato Grosso era fruto, em larga medida, de maiores oportunidades de renda (ARRUDA, 1997, *apud* JESUS, 2004, p. 45). Houve tentativa de introduzir nos ervais, junto aos paraguaios e indígenas, trabalhadores vindos do Rio de Janeiro e São Paulo, contudo, tais indivíduos não se adaptaram ao trabalho nos ervais (JESUS, 2004, p. 45).

Como já mencionado, o indígena foi outro trabalhador dos ervais que contribuiu muito para a atividade ervateira. O envolvimento dos indígenas, sobretudo os Guarani e os Kaiowá, no processo ervateiro remonta, como demonstrado anteriormente, ao período colonial, quando trabalharam para os conquistadores espanhóis e para os padres jesuítas.

Desde esses primeiros tempos, o trabalho com a erva-mate surgiu como atividade capaz de engajar as mais humildes populações, pois não

1 Um tipo de milícia armada que impunha a ordem e a disciplina, segundo os mandos e desmandos da Cia. Mate Laranjeira.

exigia o emprego de volumosos capitais por parte dos proprietários de ervais ou do próprio ervateiro. “Os índios, habituados à vida no sertão, podiam manter-se durante os meses em que ficavam à procura do mate” (JESUS, 2004, p. 49).

Especificamente no caso dos índios Guarani e Kaiowá, várias famílias foram deslocadas de suas aldeias ao acompanhar a instalação dos ranchos de extração da erva-mate. Esse deslocamento e o prolongado contato com não-índigenas nos ervais contribuíram para o enfraquecimento da sua organização social, sobre a qual interferiram também as epidemias e novas doenças (BRAND, 1997, *apud* FERREIRA, 2007, p. 65). Para esses grupos indígenas, o trabalho nos ervais parecia “se constituir numa oportunidade de interação com os novos sujeitos sociais, com os quais passaram a, compulsoriamente, compartilhar o território que dispunham até então com exclusividade [e] adquirir produtos como roupas, calçados, ferramentas e gêneros alimentícios” (FERREIRA, 2007, p. 70).

A participação dos indígenas no processo ervateiro foi fundamental, no trabalho de colheita, transporte e beneficiamento do produto. Além disso, atuaram também em atividades subsidiárias como o corte de lenha, utilizada nos barbacuás. Todas essas atividades ocorreram nos mesmos padrões de dificuldade e de exploração dos demais trabalhadores sob a influência da Companhia Mate. Nesse sentido, é que estudiosos como Antonio Brand² afirmaram que o mercado de trabalho regional, sobretudo o da economia ervateira, ocasionou a fragmentação dos territórios indígenas, restando-lhe apenas pequenos redutos (BRAND, 1997). Processo esse que, em grande medida, continua a (re)produzir violências, fome, doenças, desestabilização familiar, entre outros males, bem como no processo legítimo de reivindicação de seus territórios anteriormente ocupados.

A atuação da Companhia Mate Laranjeira na exploração e beneficiamento da erva-mate produziu uma história paradoxal. Por um lado, cumpriu um papel desenvolvimentista no antigo sul de Mato Grosso, com a abertura de meios de transporte, comunicação e assentamento de pessoas (estradas, portos, escolas, núcleos populacionais) e, por outro, sua trajetória foi marcada pela utilização do trabalho semelhante à escravidão, com a espoliação de mão-de-obra, os favorecimentos políticos de seus dirigentes e o uso da

2 Historiador, filósofo e indigenista. Suas pesquisas e militância contribuíram em muito para a luta em defesa dos direitos dos povos indígenas no MS. Sua morte, em julho de 2012, deixou uma imensa lacuna para a academia e os movimentos sociais. Na Revista História em Reflexão (UFGD), foi publicada uma entrevista com o Prof. Antonio Brand, na qual é possível conhecer um pouco sua trajetória de vida e estudos.

violência nas áreas de sua influência (JESUS, 2004). Vale destacar, mais uma vez, a desestruturação dos territórios indígenas, e consequentemente o modo de organização social desses grupos, que repercute nos dias atuais.

Cabe dizer que além da importância econômica, política, que a erva-mate teve na história do atual MS, permaneceram as diversas influências dos elementos paraguaio e indígena para a formação cultural e identitária dos sul-mato-grossenses. O costume de tomar o tereré é uma dessas marcas.

Se no passado a erva-mate foi considerada o ouro verde do sul-mato-grossense, sua extração e beneficiamento geraram grandes rendas (e exploração de mão de obra), nos últimos anos apenas 10% da erva-mate consumida no estado provém da produção local; ou seja, cerca de 90% da erva vem de estados como Paraná e Santa Catarina, conforme estudiosos vinculados ao Serviço Nacional de Aprendizagem Rural de MS (SENAR/MS) e à Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Essas instituições têm publicado estudos e realizado eventos com o objetivo de incentivar a retomada de uma indústria ervateira estadual, regional.

Conforme informações veiculadas pelo SENAR/MS, na década de 1970, antes da divisão do estado de Mato Grosso e criação de Mato Grosso do Sul, a região sul do atual MS ainda possuía grande área de ervais nativos (CNA/SENAR, 2017). Mas, a partir desse período, com a intensa ocupação do campo pelas monoculturas da soja e do milho e a extração predatória dos ervais nativos que restavam, somado ao pouco incentivo governamental para o pequeno agricultor de erva, a produção caiu energeticamente. Dados divulgados pela AGRAER/MS e pela EMBRAPA, informam que em fins de 2020, na região sul de MS, a produção abrangia “algo em torno de 15 mil famílias de agricultores tradicionais, agricultores assentados e indígenas” (FRANCHINI, 2020).

Em todo o estado, o consumo de erva-mate per capita (por cabeça) gira em torno de cinco quilos por ano, sendo 71% como tereré e 26% como chimarrão, 2% na forma de chá e 1% como planta medicinal. Da terra hospedeira do ouro verde, hoje o MS ocupa o 4º lugar em produção de erva-mate, com apenas 0,16% de toda a produção brasileira (FRANCHINI, 2020). O estado produz aproximadamente duas mil toneladas das 12 mil que consome ao ano, ou seja, as indústrias instaladas no estado importam acima de 85% da matéria prima de estados da região Sul do país e mesmo do Paraguai e Argentina (FRANCHINI, 2020). A queda na produção, percebida a partir da década de 1970 com o privilégio de outras culturas de alimentos nas terras sul-mato-grossenses foi contínua nas décadas seguintes

e teve, a partir de meados do ano de 2004, diminuição drástica, em função dos baixos preços praticados no mercado (FRANCHINI, 2020).

Dados de 2020, da AGRAER, informavam que em grande escala eram apenas onze empresas que produziam erva-mate em MS, enquanto que no Rio Grande do Sul, por exemplo, eram mais de trezentas; a área total plantada estava em torno de 300 hectares (AGRAER, 2020). Ao longo dos últimos cinquenta anos, a estagnação da cadeia produtiva da erva-mate aprofundou a falta de investimentos financeiros e o desenvolvimento de tecnologias (NEVES, 2023). Vale frisar que o sistema contemporâneo de processamento em grande quantidade da erva-mate é mecanizado, porém seguem as mesmas etapas dos processos mencionados na extração pela Cia. Mate Laranjeira³.

Em Mato Grosso do Sul, há muito consumo e pouca produção. “Ciência é solução para devolver à erva-mate status de ‘ouro verde’ no Estado” (NEVES, 2023).

Foto 09 - Utensílios para tereré.



Fonte: Elaboração do autor.

3 Detalhes e desenhos dessa atividade podem ser encontrados no livro Erva-mate: sistemas de produção e processamento industrial, autoria de Omar Daniel (2009), disponível on-line.

Um Estado múltiplo: fronteiras, identidades e memórias

Conforme mencionado, a erva-mate atravessou as noites do tempo na história de Mato Grosso do Sul. Está presente no cotidiano da população do estado, consumida ou enxergada nos nomes de produtos, empresas, publicações, músicas, histórias, poemas e referenciada nos símbolos oficiais da Unidade. O desenho do Brasão de Armas foi elaborado por José Luiz de Moura Pereira e instituído por meio de decreto em janeiro de 1979 e contém um ramo de café florido e outro erva-mate, duas culturas que foram importantes na constituição do estado. É um estado relativamente jovem, tendo completado 45 anos em 2022. Possui mais de dois milhões de habitantes, com distintas histórias, com origem em distintos lugares.

Figura 04 - Brasão do Estado.



Fonte: <http://www.ms.gov.br>; Acesso em set. 2022.

Há alguns anos a revista *Cultura em MS* (2010, n. 3), periódico oficial da Secretaria de Cultura de Mato Grosso do Sul, publicou uma edição com o título “Bolívia, Brasil, Paraguai: cultura sem fronteiras”, para discorrer sobre os diversos elementos culturais comuns aos três países presentes no universo cultural sul-mato-grossense. Essa revista permite compreender qual o conceito/ideia de cultura foi, e tem sido utilizado para conduzir as ações que envolvem o trato com o patrimônio cultural em MS. Essa edição foi publicada no mesmo ano do registro do tereré como patrimônio cultural imaterial do estado e, especialmente esse número do periódico, teve como foco a contribuição cultural dos países vizinhos, especialmente, o Paraguai “onde o sotaque carrega forte acento castelhano e ainda hoje são marcantes os ritmos musicais como a polca e a guarânia [...] e as marcas identitárias comuns atravessam fronteiras” (*CULTURA EM MS*, n. 3, 2010, p. 4).

A revista possuía tiragem anual e era dividida em subtítulos que com certa variação enfocavam a música, a leitura, as artes cênicas, as artes visuais, o turismo [natureza], o artesanato, a culinária, a migração e a imigração. Havia ainda as seções de entrevista, artigos e de crônicas. Na edição antes mencionada, trouxe o tópico “Patrimônio imaterial: saberes populares preservados”, item no qual foram apresentados os bens imateriais já registrados no Livro dos Saberes no Estado e no qual o tereré figurava como bem em “fase

final de registro”. Foi das primeiras fontes bibliográficas a registrar o reconhecimento do tereré como patrimônio cultural oficial dos sul-mato-grossenses.

Era uma revista que, além de divulgar os eventos promovidos pela Secretaria de Cultura do estado, configurava-se como um importante espaço de divulgação dos trabalhos de pessoas pouco conhecidas no cenário artístico e cultural das diversas localidades do MS, na seção “Espelho, o que sou, o que me contém”. Personagens como Neguinho Berranteiro (Edvaldo Castro Guimarães), tocador de Berrante e morador da cidade de Três Lagoas, Ulisses Nogueira, ator circense e diretor do Circo Escola Pantanal em Campo Grande, o violinista Rittlher Martins, Campo Grande, e outros artesãos, músicos, atores... (CULTURA EM MS, n. 3, 2010, p. 9, 10; n. 4, 2011, p. 9).

Além de “cultura”, outro termo sempre presente e muito ressaltado na revista foi “identidade”. Cultura e identidade, ao lado dos textos e das imagens veiculadas colaboravam para a tentativa de expressar o que, de fato, seria ou viria a ser uma cultura e identidade dos sul-mato-grossenses.

Em editorial assinado pelo então governador do estado, André Pucinelli, a palavra “cultura” foi apresentada como um termo que agrega em si valores de outras esferas como a economia e a educação. Mais ainda, a cultura foi apresentada como “fator de desenvolvimento social”. Desenvolvimento foi uma palavra sempre atrelada às propagandas oficiais daquela gestão do governo estadual, especialmente para se referir à esfera econômica, da qual áreas como a cultural fazia e faz parte. Essa afirmativa pode ser percebida no trecho:

Sabemos da importância dessa área [cultura] como política de governo para um estado que está investindo no crescimento. Estimulando o setor cultural estamos fortalecendo a cidadania, a qualidade de vida, a educação, a preservação da história sul-mato-grossense. Também estamos reforçando, ao mesmo tempo, a economia. Resguardando e difundindo valores, memórias, por meio do nosso patrimônio histórico e cultural, enxergamos o potencial econômico do nosso teatro, cinema, música, gastronomia, arquitetura, nosso patrimônio imaterial. Geradora de emprego e renda, a cultura é também parte do processo econômico (CULTURA EM MS, n. 3, 2010, Editorial).

No trecho acima é possível notar também que o patrimônio cultural foi entendido como difusor de valores e memórias por meio do qual o econômico podia ser atingido. A vinculação do patrimônio cultural, e dos usos que se pode fazer com esses bens, ao econômico não é algo novo. Porém, é preciso dizer que, como política de governo, tal como apresentado no Editorial, o fim puramente mercadológico pode colaborar para o esvaziamento do que seria de fato, importante para ser preservado, lembrado. Por

outro lado, é preciso reconhecer e ressaltar o papel significativo que a área cultural desempenha no estado e no país. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2020 indicavam que 5,6% da população ocupada no país estava no setor cultural, o que representava algo próximo a 4,8 milhões de pessoas (Agência Brasil, 2021). A influência desse setor no produto interno bruto (soma das riquezas produzidas pelo país) girava em torno de 1 a 2,6%. Ou seja, trata-se de uma área importantíssima, que além de gerar renda para muitas pessoas, colabora para a afirmação de afetividades, laços sociais, comunitários, para o lazer, para a história.

Outra ideia/estratégia que aparece nas páginas da Cultura em MS é a apresentação dos bens culturais (costumes, valores, hábitos) presentes em Mato Grosso do Sul como elementos diluidores de conflitos, como se pode observar no seguinte trecho, escrito pelo jornalista e publicitário Fabio Pellegrini:

Na fronteira de Mato Grosso do Sul com a Bolívia e o Paraguai⁴, uma cultura múltipla e vigorosa revela séculos de história e integração. Nela se fundem línguas, valores, crenças e costumes que se sobrepõem a quaisquer conflitos inerentes às regiões fronteiriças (PELLEGRINI, 2010, p. 17).

Nesse mesmo sentido, o tereré é comumente evocado como uma bebida agregadora, diminuidora de diferenças, ícone harmonioso de povos e costumes. Tal como expresso no Registro da bebida como patrimônio do MS, mostrado no próximo capítulo, e musicalmente na letra “Roda de tereré”, “prove um tereré, pode quem quiser nessa roda entrar [...] minha tradição, solte o coração como lhe convém, vem provar do doce amargo que essa erva tem” (GRUPO ZÍNGARO, 1997).

Essa mesma imagem apareceu associada às rodas de tereré numa matéria publicada no jornal Correio do Estado, que também trouxe explicações do então Diretor da Fundação de Cultura de MS (FCMS) Américo Calheiros, sobre o registro da bebida como patrimônio do estado. Afirmou o jornal:

Tem na casa de pobre, tem na casa de rico. Pode ser servido na guampa de chifre de boi ou num copo. O tereré mata a sede, une pessoas em boas rodas de prosa e, desde ontem (1º de abril de 2011), está reconhecido culturalmente como patrimônio imaterial do estado de Mato Grosso do Sul, por meio do decreto [...] assinado pelo governador André Puccinelli (CORREIO DO ESTADO, 02/04/2011).

4 O MS possui 724 quilômetros de fronteira seca com o Paraguai e com a Bolívia, o que certamente facilita o intercâmbio de pessoas, ideias e afazeres entre os povos. Ao todo são 45 municípios sul-mato-grossenses que integram a chamada faixa de fronteira.

Já a fala do Diretor Américo Calheiros ressaltou as supostas origens históricas do tereré para com o estado:

Está relacionada ao ciclo da erva-mate, em 1882, com a criação da Matte Laranjeira na região fronteira entre Brasil (leia-se Ponta Porã) e Paraguai. Um ciclo que muitos historiadores consideram tão importante quanto o da borracha foi. Trata-se de um símbolo fronteiro incorporado à cultura sul-mato-grossense (CORREIO DO ESTADO, 02/04/2011).

Contudo, no dia a dia, não é isso que se verifica. Os paraguaios continuam sendo vistos como traiçoeiros, falsificadores, sujeitos perigosos; os bolivianos, como pobres coitados imersos no tráfico de drogas. Ambos “hermanos” dos quais se pode tirar algum tipo de vantagem, sobretudo, a econômica. A fronteira, geográfica, simbólica, cultural e, portanto, histórica de MS com o Paraguai e a Bolívia, ao mesmo tempo em que é apresentada como um fator do enriquecimento, diversidade cultural (como de fato é), é também o que mascara os conflitos e as contradições entre os indivíduos que nela vivem. Além dos estereótipos para com paraguaios e bolivianos citados acima, na fronteira de MS com os “hermanos”, há também a violência simbólica e, sobretudo, física contra os povos indígenas, sobretudo, os Kaiowá e os Guaraní que habitam a parte sul do estado e que possuem, como demonstrado anteriormente, uma longa vinculação com a erva-mate.

Como bem pontuou o antropólogo Álvaro Banducci (2010, p. 23) com relação ao Paraguai, o sul-mato-grossense “orgulha-se do tereré, da guarânia, da polca, algumas vezes prefere a chipa ao pão de queijo, diverte-se oferecendo sopa paraguaia aos visitantes. Mas, descartadas as referências de identidade e as ocasiões solenes, que de algum modo o satisfazem e enaltecem, pouco preza ou valoriza a coexistência com o país vizinho”. Para o antropólogo o sul-mato-grossense é um indivíduo fronteiro “por mera conveniência”⁵.

É nesse sentido que esse livro compreende a exaltação do tereré, enquanto patrimônio oficial do MS, inserido num campo de disputas simbólicas, conflituosas, pois, ao mesmo tempo em que a bebida materializa as heranças indígena e paraguaia em seu modo de fazer e tomar, no cotidiano, esses povos são relegados à margem, social e histórica.

5 Nesse mesmo texto Álvaro Banducci Junior exemplifica o “ser fronteiro por conveniência” com a intensa busca por mercadorias, bugigangas, e contrabandos, dos sul-mato-grossenses no comércio paraguaio, sobretudo na cidade de Pedro Juan Caballero. Contudo, a movimentação dos transeuntes restringe-se a apenas duas ou três avenidas da cidade paraguaia, local de um Paraguai apenas fictício, turístico. As demais fronteiras, do Paraguai de verdade, interno, continuam sem ser rompidas.

O texto “Fronteira e cultura: alteridade histórica – o Paraguai é aqui”, publicado pelos editores da Cultura em MS, logo após o texto de Álvaro Banducci, é representativo do orgulho pelas influências paraguaias no campo cultural sul-mato-grossense. Nesse texto, o tereré, a chipa, a sopa paraguaia, a polca e a guarânia, os mais de trezentos mil descendentes paraguaios (aproximadamente) no estado àquela época⁶, as festas religiosas como a de Nossa Senhora de Caacupê⁷, padroeira do Paraguai (Imaculada Conceição), o artesanato de origem Guarani, expressões em Guarani de uso corrente em MS⁸, são elementos tomados como ícones de uma cultura particular, harmoniosa, que congregaria em si povos e amigos diferentes (CULTURA EM MS, n. 3, 2010, p. 25-27).

Interessante é que após o texto de Fabio Pellegrini, a historiadora Lúcia Salsa Corrêa, no artigo intitulado “Uma reflexão sobre a cultura da fronteira”, expressa as contradições, conflitos e acomodações que fizeram e fazem parte da história de MS. A partir das reflexões do sociólogo José de Souza Martins, Lúcia Salsa Corrêa conceitua a fronteira como:

O lugar dos desencontros da história, encruzilhada de tempos históricos e espaço do confronto de territorialidades, onde se misturam e convivem formas arcaicas (e contraditórias) de exploração econômica e de formação social. [...] Dessa forma, a fronteira torna-se necessariamente o território do conflito, onde se expressa a violência sob diversas formas, sutil ou explicitamente, como na negação da alteridade no processo de dominação e subordinação do índio pelo conquistador europeu (por exemplo), e depois por sucessivas ondas de penetração de colonos/posseiros no processo de abertura de novas áreas agropastoris, como processos de formação de “novas” frentes fronteiriças. [...] Por sua vez, a violência produz a resistência,

6 Não há dados seguros, mais recentes; em jornais de grande circulação continua a ser repetido a cifra de aproximadamente 300 mil descendentes residindo em MS, com projeção de 100 mil paraguaios natos.

7 La Virgencita, como é conhecida no Paraguai, tem o seu dia de celebração em 8 de dezembro. A lenda de surgimento da santa de Caá-cupê (atrás da erva) é muito interessante e mistura elementos indígenas e não indígenas. Na cidade de Dourados, segunda maior do MS, que também tem por padroeira Nossa Senhora da Conceição (Brasil), foi construída a Praça Paraguaia, em homenagem aos milhares de imigrantes e descendentes paraguaios que vivem no município. Na inauguração da Praça em 1998 esteve presente o então presidente do Paraguai Juan Carlos Wasmosy, que trouxe uma imagem da Virgem de Caacupê que está abrigada no local. Em todo o MS é comemorado o Dia do Povo Paraguaio em 15 de maio, data da independência nacional daquele país.

8 Entre outras, se pode citar a expressão jaha!, leia-se djarrá, “vamos”, Porã, “bonito (a), bom/bem/boa”, além dos diversos nomes de cidades como Caarapó (raiz de erva), Ponta Porã (ponta bonita), Itaporã (pedra bonita), e várias outras.

que se manifesta igualmente de variadas maneiras, até sob as formas mais simples de representação cultural (CORRÊA, 2010, p. 20, 21).

A resistência mencionada acima, pela pesquisadora é a presença dos elementos culturais antigos e novos no universo cultural sul-mato-grossense. Especialmente no caso do povo paraguaio que, derrotado na Guerra da Tríplice Aliança, exerceu e exerce influências sobre os seus “vencedores” brasileiros e sul-mato-grossenses, nos hábitos alimentares, expressões verbais, artísticas (CORRÊA, 2010, p. 21). Cabe citar também a presença das chamadas cidades irmãs, ou homônimas, nos limites territoriais secos do MS com o Paraguai e a Bolívia, que dissolve a noção dura de fronteira e cria entre seus habitantes um espaço cotidiano comum. É o que se verifica em Mundo Novo e Salto Del Guaira, Sete Quedas e o seu homônimo paraguaio, Paranhos e Ypêhu, Coronel Sapucaia e Capitán Bado, Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, Bela Vista e Bella Vista Norte, Porto Murtinho e Carmelo Peralta, Corumbá e Puerto Suarez (PELLEGRINI, 2010, p. 19).

Figura 05 - Fronteira dissolvida.



Fonte: CULTURA EM MS, 2010, p. 19.

Como exemplo (e exercício) para a compreensão da história da erva-mate, e do tereré especialmente, como um alimento inserido num campo de disputas simbólicas, de construção de memórias, identidades, vale

a pena algumas interpretações ligeiras a partir da letra da música Roda de tereré, bastante conhecida no MS. A letra é de autoria de Paulo de Tarso e Rubinho e foi lançada pelo Grupo Zíngaro⁹ em 1997.

*Prove um tereré
Pode quem quiser
Nessa roda entrar
Ouça o chamamé
Dos que faz a gente arrepiar
Minha tradição
Solte o coração como lhe convém
Vem provar do doce
E amargo que essa erva tem*

*Faz muito calor tome um tereré
Seja lá quem for
Pode quem quiser
Traz um violão
Com o coração cante um chamamé (2x)*

*Um tiro de laço
Ser bom de braço eu já provei
E nessa armada tenho certeza que não errei
Ponto positivo*

*É o que preciso
E tenho fé
E depois da prova eu vou pra roda de tereré*

Um primeiro aspecto que chama a atenção de leitores e ouvintes da melodia é o convite para entrar na roda do tereré. O conjunto da composição ressalta o suposto poder de integrar “qualquer um” no compartilhamento da bebida. Seria, assim, um costume que minimizador de diferenças e construtor de sociabilidades, uma vez que nas rodas seriam compartilhadas as conversas, assuntos de família, trabalho etc. Se recordarmos de algumas páginas antes, as rodas foram (não são mais? rrsrrsrs) consideradas pelos padres jesuítas como espaço de pessoas interessadas no cuidado da vida alheia, entre outras “*cositas más*”.

Outro aspecto é o que pode ser chamado de intertextualidade musical, com a evocação do chamamé, ritmo musical das regiões platinas e muito tocado, dançado no estado, como um ingrediente a mais no ritual do

9 Esse grupo musical está sediado em Campo Grande e possui mais de vinte anos de existência. As canções mesclam nas melodias diversos instrumentos como a sanfona, a guitarra, o baixo, a bateria, e grande parte das letras fazem apelo a características culturais do cotidiano dos sul-mato-grossenses ou que de alguma forma se relacionam com a história e os costumes locais, tais como o chamamé, a polca paraguaia, os tiros-de-laço, os bailes, a natureza.

tereré. Em seguida, aparece a palavra “tradição” que evoca para os degustadores do tereré e do chamamé um sentimento de pertença, de propriedade para com o estado e seus costumes. Essa ideia parece ser reforçada com o apelo para os sentimentos do “coração” e novamente com o convite para sentir o “doce amargo” da erva.

Nesse convite, aparece o clima (calor) como mais um elemento criador do consumo da bebida. Logo após, surgem elementos que fazem referência aos costumes incorporados por meio da migração de gaúchos. É nesse sentido que são lembrados os “Tiros-de-laço” (tipo de competição a cavalo cujo fim é o de laçar um novilho a determinada distância) praticados com destreza e habilidade. Há, de fato, uma grande presença de famílias oriundas/descendentes desses migrantes que se fixaram na região, sobretudo após o término da Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai e com o início do movimento federalista nos últimos anos do século XIX. Há também diversos centros de tradição gaúcha que realizam atividades com o objetivo de rememorar e reforçar uma suposta identidade sulista.

Há também diversas “casas paraguaias” com o mesmo fim de reforçar os laços identitários de paraguaios e descendentes moradores no MS. Mato Grosso do Sul, como já mencionado, é o estado com o maior número de imigrantes paraguaios residentes no país, estimado em 100 mil pessoas. Na cidade de Dourados, por exemplo, há aproximadamente 15 mil famílias descendentes de paraguaios (Câmaradourados, 2021). O estado possui também uma das maiores populações indígenas e a maior reserva indígena em número de pessoas, também localizada em Dourados, com aproximadamente 15 mil moradores espremidos num espaço de cerca de 3.400 hectares.

Tal como mencionado anteriormente, apesar de publicações, especialmente as voltadas à área cultural, objetivarem criar ou reforçar uma suposta harmonia cultural entre índios e não índios, migrantes, imigrantes e descendentes no estado, permanece um imaginário deturpado, que identifica o indígena como pessoa não dada ao trabalho, de má índole etc., e o paraguaio como indivíduo traiçoeiro, trapaceiro e inferior. Imagem deturpada que, já nos tempos coloniais, esteve presente e associada ao consumo da erva-mate pelos nativos.

Memória, fronteira, identidade são palavras cantadas, escritas, exaltadas, quando se refere à formação cultural dos sul-mato-grossenses. Indígenas e paraguaios são elementos ora exaltados em suas riquezas culturais, tradicionais, ora relegados a uma fronteira que permanece rígida: a da indiferença.



CAPÍTULO III

REFLEXÕES SOBRE O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL EM MATO GROSSO DO SUL: O TERERÉ

O primeiro bem imaterial registrado em Mato Grosso do Sul foi a Cerâmica Terena, especificamente, a cerâmica produzida pelos Terena da Aldeia Cachoeirinha próxima ao município de Miranda. O artesanato é uma importante fonte de renda para esses indígenas, de maneira que as produções são em quase sua totalidade destinada ao público não índio. Conforme a revista *Cultura em MS*, o processo de feitura dos artesanatos, revestidos de uma “mística”, quase “ritual”, foi um dos elementos considerados para o reconhecimento da cerâmica como bem cultural imaterial do estado. O processo de modelagem da argila foi assim resumido:

Cerca de quinze quilômetros. É essa a distância que precisam andar as indígenas da aldeia Cachoeirinha apenas para colher a argila [...] de baldes na cabeça, entoando cantorias, elas se dirigem aos chamados bancos de argila. [...] fugindo de noites de lua nova ou períodos menstruais [...] no dia de modelar a argila, nada de trabalhos domésticos. É que ‘o sal é inimigo do barro’. Ninguém mexe na cerâmica sem estar de banho tomado (*CULTURA EM MS*, n. 3, 2010, p. 57).

Além da mística envolvente no processo de fabricação do artesanato, o ideal de originalidade que as peças apresentariam também cooperou para o registro dessa cerâmica. Isso pode ser notado na afirmação da então gerente de Patrimônio Histórico e Cultural da Fundação de Cultura de MS, Neuza Arashiro, que acompanhava a “cultura Terena desde a década de 1970”:

De lá para cá, [1970] a cerâmica se manteve praticamente intacta. Muitas manifestações sofreram influências de ‘designers’ ou de outras culturas. Já a Terena, **com exceção de um ou outro símbolo**, é a mesma até hoje (*CULTURA EM MS*, n. 3, 2010, p. 57; destaque meu).

É pouco provável que o processo de feitura da cerâmica, bem como o seu uso, que passou de utilidade pessoal para comercial, tenha se mantido puro, original, como bem aponta o trecho acima. Importante mencionar que o povo Terena é a maior etnia presente nas regiões da capital Campo

Grande. Até que ponto o comércio, um dos principais fins para a confecção do artesanato, segundo a própria Cultura em MS, influencia a perpetuação, valorização, feitura, dessa produção? Quais pessoas realmente usufruem dos lucros desse comércio?¹ São questões que embora não sejam objeto desse trabalho, podem ser tomadas como norteadoras para a reflexão sobre os demais bens culturais do MS.

No município de Corumbá, norte do estado, encontram-se dois bens intangíveis de MS, o modo de fazer da Viola de cocho e a festa do Banho de São João. “A viola é fruto de uma engenharia artesanal que envolve a escavação de uma tora inteiriça de madeira no formato do instrumento. A natureza é quem fornece a matéria prima: as peças são coladas com o sumo de batata sumbaré e as mãos dedilham por cordas feitas de tripas de boi e fios de algodão” (CULTURA EM MS, n. 3, 2010, p. 56). O uso da Viola de cocho é bastante presente nessa região e no Estado de Mato Grosso. O instrumento integra o complexo musical do siriri e do cururu, danças presentes em celebrações religiosas. Já o Banho de São João, também ligado à religiosidade dos corumbaenses, acontece anualmente entre os dias 23 e 24 de junho.

A festa reúne centenas de pessoas que acompanham, entoando ladinhas, os 80 andores que são carregados pela ladeira em direção ao porto da cidade [...] a procissão passa por ruas enfeitadas por balões e bandeirolas até chegar ao rio Paraguai, onde, imitando a cena bíblica, São João é banhado [...] uma vez lá embaixo, a religiosidade dá lugar à celebração. Os mestres sacam as Violas de Cocho e as rodas de cururu atravessam a madrugada (CULTURA EM MS, n. 3, 2010, p. 56).

Neuza Arashiro, então gerente de Patrimônio Histórico e Cultural da FCMS, afirmou que era preciso pensar as ações de salvaguarda do patrimônio imaterial do estado de forma sistêmica. Para tanto, seria preciso implementar o “plano e salvaguarda” para reforçar as manifestações. Em Corumbá, ações como a premiação dos diversos andores e a organização de banhos de São João pelas crianças nas escolas, dias antes da festa, eram estratégias para reforçar/incentivar a perpetuação da manifestação festiva (CULTURA EM MS, n. 3, 2010, p. 56).

Outro bem registrado no MS é o Sobá, em Campo Grande. O prato é preparado com “macarrão artesanal à base de trigo, cozido com cinzas vegetais e mergulhado num caldo de pucheiro, carcaça de frango e coste-

1 O texto O patrimônio cultural e a construção do imaginário nacional (1993), autoria de Nestor Canclini, aponta importantes reflexões sobre a originalidade/falsidade das produções artesanais consideradas típicas de um determinado local.

la de porco [...] cheiro verde, carne suína, omelete fatiado e um toque de gengibre” (CULTURA EM MS, n. 3, 2010, p. 58). Conforme essa Revista, Campo Grande abrigava à época a terceira maior concentração de pessoas com origem japonesa do país, e a segunda originária de Okinawa, ilha de surgimento do prato, sendo o Sobá presente na história da cidade desde pelo menos os anos 1950. O registro do Sobá e a finalidade turística, comercial, além do pouco conhecimento por parte da população da história do prato, são elementos perceptíveis nas afirmações da então presidente da Associação da Feira Central e Turística de Campo Grande, Alvira de Melo:

Nós decidimos investir [solicitar o registro do Sobá] na gastronomia porque, por meio dela, se incentiva o comércio. Foi ali que eu procurei o IPHAN e a Fundação Municipal de Cultura (FUNDAC) [...] os campo-grandenses podem consumir quilos e mais quilos de Sobá por noite. Mas poucos são aqueles que conhecem o histórico do prato (CULTURA EM MS, n. 3, 2010, p. 58).

O Ofício dos mestres de capoeira e a roda de capoeira também foi reconhecido como patrimônio imaterial do estado, em 2008. O último bem registrado foi o Chamamé. Esse gênero musical é bastante presente em todo o estado e também faz apelo à cultura paraguaia, uma vez que sua origem está mais ligada àquele país, bem como à Argentina. O registro ocorreu em 2017.

Retomando a afirmação da citação acima, vale dizer que o não conhecimento da história dos bens culturais imateriais registrados no estado, por parte da maioria da população, especialmente aquelas que residem distante das localidades sedes de tais patrimônios, é algo comum. Essa afirmação aplica-se, em parte, ao tereré, bebida com grande inserção histórica e cultural na região, como demonstrado nos capítulos anteriores.

O tereré, ao contrário dos demais bens registrados, é bastante conhecido e consumido em qualquer localidade do estado. A bebida, por certo, representa também, há várias décadas, uma importante fonte econômica para o MS. Apesar de sua presença antiga nessas paragens, é possível afirmar que a bebida demorou a ser reconhecida como patrimônio cultural do estado.

O passo inicial para o registro do tereré como bem imaterial de MS foi dado em 2008 com o pedido oriundo do Departamento de Turismo da cidade de Ponta Porã, conhecida como a Princesinha dos Ervais². A iniciativa, diferente dos demais bens, causou divergências quanto ao nome soli-

² “Nessa cidade, foi inaugurado no dia 13 de junho de 1997 pelo seu criador, José Benites Cardenas, ‘seu Toté Benites’, como era conhecido, o Museu da Erva-Mate, cadastrado no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, possui mais de 3 mil peças

ra Luciana Patrícia de Moraes no artigo Comida, identidade e patrimônio, no qual são mostrados caminhos para a análise das culinárias regionais como monumentos, símbolos, de uma cultura e para o estudo das articulações entre os alimentos elegidos como patrimônios e a construção dos discursos identitários regionais (MORAIS, 2011, p. 229)³.

O tereré foi a primeira bebida a receber o olhar do poder público de MS como uma manifestação cultural. Tendo em consideração que é o poder público o ente responsável pela salvaguarda dos bens patrimoniais, é preciso considerar também como variável a possibilidade dos usos ideológicos (comerciais, políticos) do patrimônio, suas nuances e limites (MORAIS, 2011, p. 231). Como já citado anteriormente, os usos comerciais, sobretudo nos casos da Cerâmica Terena, do Sobá e do Banho de São João, foram (são) fundamentais para a escolha e registro como bens culturais no estado.

No caso do tereré, a reivindicação, à época, do Departamento de Turismo ponta-poranense para que o registro da bebida levasse o nome do município, pode ser entendida a apropriação de um produto simbólico que ao ser vendido, divulgado, levará sempre atrelado, o nome da cidade. Com essa afirmação, não menosprezo a importância que a extração dos ervais, o beneficiamento, o comércio e o consumo da erva-mate tiveram e continuam tendo para a região e a população de Ponta Porã ao longo de sua história centenária. Tão pouco menosprezo a iniciativa ponta-poranense que saiu na frente ao solicitar o reconhecimento do tereré como bem imaterial do MS.

Ressalto, apenas que é preciso ter em vista que a história, sobretudo econômica, da erva-mate cobriu com seus ervais nativos uma extensa porção de toda a região sul do atual Mato Grosso do Sul e, mais ainda, que houve outras cidades como Porto Murtinho, Sete Quedas, além da “cidade” de Campanário, que também tiveram grande importância na história da erva-mate. Além disso, o mate com água fria, desde os tempos coloniais, é consumido por índios e não índios, em uma vasta região que atualmente abrange não somente o MS, como também o Paraguai, o Uruguai e os estados do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Rondônia, entre outros.

O reconhecimento dos saberes culinários como bens culturais fez parte de um processo de mudança no entendimento do próprio conceito de patrimônio histórico ou cultural. Atualmente há uma ideia mais ampla

3 Nesse artigo, Luciana Moraes analisa a culinária mineira e paranaense a partir dos referenciais teóricos da história da alimentação. Conforme demonstra a autora é a monumentalização das culinárias regionais o que fundamenta o reconhecimento de pratos específicos como patrimônios culturais.

de patrimônio, que compreende não somente as grandes construções, os ícones de uma suposta identidade nacional ou regional recheada de grandes heróis, mas também os saberes e as manifestações como festas, danças, modos de fazer, anteriormente apenas taxadas como populares e, por isso, mesmo não representativa de uma cultura, que, por sua vez, também foi outro conceito anteriormente apreendido de forma estática, única e apenas representativa dos ideais e valores de determinados grupos sociais (CANCLINI, 1993).

Conforme afirmou Moraes (2011, p. 233), o surgimento de uma ideia mais ampla de patrimônio fez parte de um processo de institucionalização recente que pode ser vislumbrado em alguns espaços como na Carta de Veneza em 1964 e no Compromisso de Brasília em 1970. Na Carta de Veneza, estava presente uma noção de patrimônio que elegia como significativo naquele momento “[...] não só as grandes criações, mas também as obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural” (CARTA DE VENEZA, maio de 1964, p. 2). Já o Compromisso de Brasília, período da ditadura militar em que o culto ao passado e aos heróis da nação norteou as reflexões sobre a história do país, afirmou:

[...] sendo o culto ao passado elemento básico da formação da consciência nacional, deverão ser incluídas nos currículos escolares [...] matérias que versem sobre o conhecimento e a preservação do acervo histórico e artístico, das jazidas arqueológicas e pré-históricas, das riquezas naturais, e da **cultura popular** [...] (COMPROMISSO DE BRASÍLIA, abril de 1970; destaque meu).

Outro aspecto a se considerar no processo de registro de bens imateriais, e nesse caso o tereré, é o processo de globalização e valorização do que é local, do típico, geralmente associado também a construção/valorização de identidades locais. Nesse sentido, Moraes (2011, p. 246) afirmou que,

[...] pesquisadores de diversas áreas tendem a concordar que a partir do final da década de 1970, com a intensificação do processo de globalização e suas implicações, a tensão entre um presente cada vez mais rápido e a necessidade de se estabelecer uma continuidade em relação ao passado e ao futuro tornaram mais evidente o diálogo entre tradição e inovação. Em outras palavras, com a aceleração do tempo e a compressão do espaço, com o acesso cada vez mais fácil a outros lugares e a outras culturas, o que se procura são justamente os objetos, lugares, comemorações e comidas denominados como típicos de cada região (CANCLINI, 1993. In: MORAIS, 2011, 246).

É a referência ao cotidiano, ao dia-a-dia, o que de fato torna verdadeiro, real, o reconhecimento de determinado bem cultural. Nesse sentido, o tereré em Mato Grosso do Sul, por sua história e pelo seu consumo diário,

foi antes de oficial, um bem cultural escolhido e legitimado pelos sul-mato-grossenses, os legítimos ou os de adoção.

O ato oficial de registro da bebida revelou a intenção de entronizar o tereré como um ícone representativo de uma memória (passado) e uma identidade sul-mato-grossense. Essa afirmação pode ser notada no texto do Diário Oficial do Estado de 4 de agosto de 2010, que publicou o resumo da decisão do Conselho Estadual de Cultura, proferida em 17/07/2010, sobre o registro da bebida como bem imaterial do estado. A referência ao ciclo da erva-mate estabelece uma continuidade com o passado do antigo Mato Grosso, especialmente, sua história econômica. A afirmação de que a bebida “continua presente nos hábitos da população dessa região, independente da classe social” revela a ideia de afirmar uma suposta identidade homogênea, harmoniosa da qual as rodas de tereré seriam representativas, uma vez que nelas todos são bem vindos, todos compartilham da mesma bomba. Nesse sentido, o tereré poderia ser tomado como o elemento aglutinador, representativo da imagem de um povo acolhedor, amistoso, o *ser* sul-mato-grossense (DOE, 4/8/10, n. 7761, p. 32).

De fato, é preciso mencionar que o consumo de alimentos, bebidas ou comidas, atuam como agentes de criação ou de reforço de laços sociais, fraternos. Aliás, no caso do tereré, como mencionado no primeiro capítulo, essa sociabilidade, solidariedade entre as pessoas, foi fruto também da ancestralidade, da vida comunitária indígena, materializada no compartilhamento da água verde. No beber em comum, cada um participaria da ‘substância do outro’⁴ (MORAIS, 2011, p. 234).

Falar em identidade sul-mato-grossense é tocar em uma questão espinhosa. Por ser o MS um estado de criação recente, muito se propaga a ideia, pela mídia, por algumas instituições, pelo estado, de que é preciso definir a identidade sul-mato-grossense. E essa necessidade foi/é sempre trazida à tona no mês de outubro, aniversário de criação do estado. O próprio nome de MS já foi (é) motivo de debates nos meios políticos e mesmo na população local⁵. A confusão geográfica do Mato Grosso do Sul com

4 O participar da substância do outro é a desculpa para muitos que se dizem contrários ao consumo do tereré, pois, ao compartilhar a mesma bomba cada um tomaria parte da saliva do outro.

5 Ser chamado de mato-grossense no estado de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul foi/é tão comum que, apesar dos sentimentos inquietantes e das correções contínuas, acomodei-me a fazer disso trocadilhos e piadas. Afinal, tchê! Que diferenças há entre um gaúcho e um paranaense daí?

o Mato Grosso, especialmente pelos meios de comunicação de outros estados, foi um dos principais argumentos para a tentativa de mudança do nome do MS⁶.

Com relação ao tereré e a intenção de fazê-lo representativo do *ser* sul-mato-grossense, é possível pensar os laços de pertencimento e reconhecimento, portanto diferenciadores, como construídos culturalmente (politicamente), mas nem por isso, menos eficazes. Como bem pontuou Luciana de Moraes (2011, p. 234), “ainda que seja construída [a identidade], cria raízes, influencia a percepção de mundo e os comportamentos cotidianos e, portanto, não pode ser vista ou tratada como virtual simplesmente”. É nesse sentido que, de fato, o tereré pode ser tomado como representante de algo peculiar, próprio ao universo cultural dos sul-mato-grossenses. Trata-se de uma prática alimentar cujo registro oficial pela FCMS veio apenas validar, pois já fazia (faz) sentido cotidiano para a população de MS, consumidores ou não do “amargo doce que essa erva tem” (GRUPO ZÍNGARO, 1997).

Convém reafirmar que algumas manifestações tidas como típicas, tradicionais, (comidas, bebidas, festas, danças, roupas) de fato estiveram presentes nas diversas regiões do país bem antes da institucionalização/reconhecimento pelo poder público como bens verdadeiramente tradicionais ou representativos de tais locais, de tais pessoas. Na verdade, são diversas, por certo, as manifestações materiais ou simbólicas que ainda existem sem o recebimento do *status* de patrimônio cultural no país. Contudo, não é o carimbo institucional que confere a uma bebida, por exemplo, o seu significado cultural, mas a história das pessoas, através dos usos e costumes presentes em determinada região, localidade. É o caso do tereré, que apesar de figurar no Registro de Bens Culturais do MS como o “Tereré de Ponta Porã” é uma bebida presente no cotidiano dos moradores em todo o MS.

A constante apresentação do tereré como uma bebida que não faz distinções sociais, que iguala a todos nas rodas, insere a bebida no âmbito das disputas materiais e simbólicas. É o que se pode perceber no texto do Diário Oficial sobre o registro da bebida como patrimônio do estado:

6 Em fins dos anos 1990 e princípios dos anos 2000, a gestão do então governador Zeca do PT, movimentou o estado com a proposta de mudança do nome de MS para Estado do Pantanal. A ideia levantou muitos debates; entre as justificativas, estava a confusão com o Mato Grosso antigo e mesmo o interesse comercial quanto ao turismo no Pantanal, cuja maior porção territorial encontra-se no MS. Entre muitas discordâncias, havia suspeita de que a nova sigla poderia ser PT.

O CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA DE MS, compulsando os presentes autos chegou à conclusão que o Tereré é a bebida mais tradicional e popular de Ponta Porã, MS – “A Princezinha dos Ervais”. É uma bebida refrescante feita com a infusão da erva-mate [*Ilex paraguariensis*], consumida com água, sucos, hortelã, ou limão entre outros. Seu consumo no município remonta ao passado, ao surgimento das comunidades de Ponta Porã (Brasil) e Pedro Juan Caballero [Paraguai], que floresceram face ao ‘Ciclo da Erva-Mate’, continuando presente nos hábitos da população desta região, independente da classe social. Tornou-se bebida típica da região, cuja tradição é passada de pai para filho, elimina as diferenças sociais, promove a interação cultural, propicia o diálogo entre os integrantes das “rodas” – que aproveita o momento para repassar as novidades, contar “causos”, descansar da labuta diária, celebrar acontecimentos e expectativas (DOE, 4/8/10, n. 7761, p. 32).

Outra ideia presente no trecho acima é a tradição/passado que justificaria o registro do tereré como patrimônio do MS, uma vez que estaria presente há muito tempo no que hoje é o estado, ou seja, seria o passado validando, reforçando as ações políticas no presente, no sentido de que,

[...] o passado coletivo, elaborado em uma tradição, em costume, é a origem da legitimação. É uma reserva de imagens, de símbolos, de modelos de ação; permite empregar uma história idealizada, construída e reconstruída segundo as necessidades, a serviço do poder presente. Este gere e assegura seus privilégios colocando em cena uma herança (MORAIS, 2011, p. 238).

O tereré, com sua origem perdida nas noites do tempo no passado, ao lado dos demais bens imateriais do estado, bem como outros signos como a música sertaneja, o chamamé, a fauna e a flora pantaneira, festas agropecuárias, festas como a da Linguíça de Maracaju, o Festival América do Sul e o Festival de Inverno de Bonito⁷, formariam um conjunto de monumentos destinados a evocar uma lembrança, bem como criar um presente, uma existência, e sentido para algo considerado como típico ou identificador de determinada região ou cidade.

O tereré no dia-a-dia sul-mato-grossense: imagens e ideias

Entender as imagens/ideias em torno do tereré pode ser um dos caminhos para a compreensão da dinâmica histórica e cultural do MS. O tereré não é somente uma bebida típica, mas está ligada a um conjunto de

7 Trata-se de três festas anuais muito conhecidas no estado e que movimentam muitas pessoas e recursos.

costumes, de modos de fazer, que se insere na dinâmica histórico/cultural da região do atual MS.

Por bebida típica, ou típico, considero aquilo que é eleito/considerado pelos indivíduos como característico de determinada região, localidade. E, assim, compreendo que o tereré materializa a imagem de uma região, o consumo de uma suposta tradição, que embora marcada no passado é constantemente reafirmada a cada gole nas rodas. O tereré, nesse sentido, delimita/cria uma territorialidade. Nesse sentido, as redes sociais constituem o lugar propício para a circulação dessas imagens, como na figura abaixo.

Figura 06 - Orgulho de MS.



<https://www.facebook.com/msporfavor;>

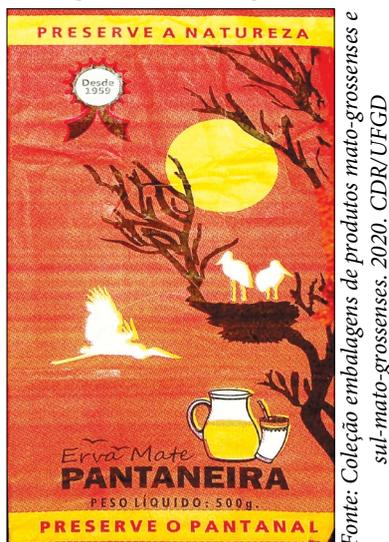
Acesso em mar. 2012.

É o caso da embalagem ao lado que apresenta o Tuiuiú, ave símbolo do Pantanal sul-mato-grossense, além do mapa do estado ilustrado, tendo a palavra "tradição" associada ao consumo da bebida; vale frisar ainda o próprio nome do produto, associado ao lazer, descanso.

Outras marcas vendidas no estado retomam nomes conhecidos da população local, como Guarani, etnia indígena, Campanário, nome da antiga sede da maior e mais conhecida empresa de extração da erva-mate no estado

Os diversos nomes dados ao tereré no estado confirma essa valorização do que é local, do típico sul-mato-grossense. As embalagens de erva-mate, por exemplo, não raro apresentam figuras, imagens, que em conjunto veiculam um discurso, produzem um sentido que identifica o comprador com um dado local e com o prazer ao tomar a bebida.

Figura 07 - Embalagem de erva.



(Cia. Mate Laranjeira), Princesinha dos ervais, entre outros. Também é comum o uso de imagens como associadas ao trabalho no campo como animais ou vegetação.

Figura 08 - Embalagem de erva.

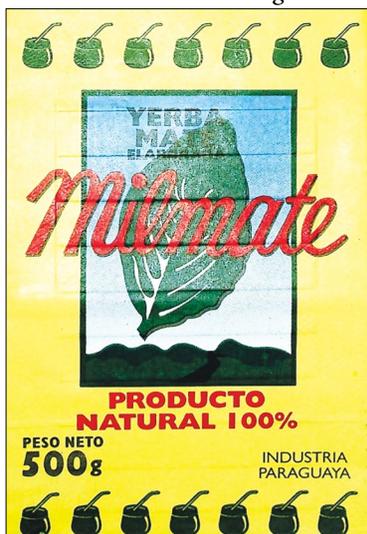


Fonte: @campanariooficial; Acesso em nov. 2022.

Outra característica presente em algumas embalagens é a referência ao Paraguai, como na imagem ao lado, onde as cores da bandeira do país vizinho servem como pano de fundo. Além das marcas nacionais, há as ervas de fabricação paraguaia vendidas em pequenos comércios, especialmente nas cidades fronteiriças.

O apelo à ícones regionais nas embalagens podem incrementar a preferência pela aquisição das respectivas marcas, uma vez que apelaria ao sentimento de pertença, de identificação ao local de vida dos consumidores, à identidade. Essa também foi a conclusão da mestra em Desenvolvimento regional e sistemas produtivos Helen Cristiane Caetano Ribeiro de Oliveira, em sua dissertação apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul em 2021. Por

Figura 09 - Embalagens de erva.



Coleção embalagens de produtos mato-grossenses e sul-mato-grossenses. 2005 e 2017. CDR/UFGD

meio de entrevistas com produtores e consumidores da erva-mate em Ponta Porã, Amambai e Aral Moreira, a pesquisadora concluiu que a Indicação Geográfica (IG), qualificação atribuída a determinado produto de um território cujas características são inerentes ao local de sua origem, pode ser utilizada como agregador de valor, simbólico e econômico. Nas palavras da autora,

Os resultados obtidos na revisão da literatura e nas pesquisas de campo, averiguaram que os produtos com IG não só teriam preferência no momento da compra como também remeteriam um sentimento de diferenciação e valorização da erva-mate, contudo observou-se que a IG é uma realidade ainda não explorada na região de estudo, mas que pode contribuir agregando valor ao produto erva-mate, bem como ao seu resgate histórico, econômico e cultural (OLIVEIRA, 2021, p. 6).

A Indicação Geográfica apresentada pela autora não é simplesmente a impressão, materialização de ícones nas embalagens de erva, mas, trata-se de um selo de certificação, que demandaria esforços conjuntos maiores no seio da cadeia produtiva. Nesse sentido, vale consultar a dissertação e conhecer a referida pesquisa.

A estética das embalagens de erva-mate diz respeito, por óbvio, ao respectivo produto; é possível dizer que foi a partir das duas últimas décadas que o mercado consumidor da erva para tereré diversificou-se enormemente. Há ervas para todos os gostos, de variados sabores. O surgimento dessas ervas pode ser tomado como uma adequação da bebida aos novos tempos, sobretudo, para os tomadores mais jovens. A rápida atenção às prateleiras de supermercados atesta que a venda/consumo das ervas com sabores aumentou consideravelmente nos últimos anos.



Sabores com ervas medicinais

Boldo; menta; burrito; hortelã, catuaba, marcela, funcho, erva doce, camomila, erva cidreira, carqueja, capim-limão, gengibre, anis, hibisco, canela...e associadas como menta e burrito, canela e menta...

Sabores compostos e/ou frutados

Black, detox, energy, power, ice e mentol, fitness, blue, black ice menta, pimenta, orgânica, tutti-frutti, abacaxi, limão, uva, maçã, laranja, cereja, morango...e associadas como abacaxi e laranja, cereja e morango, cereja ice, limonada suíça...



Os compostos acima também podem ser encontrados nas versões “kid’s” e premium. Mas há aqueles (como eu) que não abrem mão da erva “tradicional” e chegam mesmo a afirmar que as ervas de sabores não formam o verdadeiro tereré. Essas também são facilmente encontradas, com derivações de forte, extraforte, pura folha, orgânica, além das mais antigas cancheada, fina e grossa.

É possível notar ainda, no visual das embalagens, dizeres que visam atrair o público consumidor: “refrescante, saborosa, afrodisíaca”. As ervas para o tereré foram se adequando aos novos tempos, novos públicos e gostos. Tradição e inovação à venda.

Luciana Moraes chamou a atenção para esse adaptar-se das culinárias regionais, de tempos sobrepostos, onde

O presente recorre ao passado para inserir os indivíduos em um *continuum*, em um universo que os antecede e ultrapassa sua existência. Mas, para fazer sentido para esses indivíduos, deve se comunicar com ferramentas atuais e, de certo modo, adequar este passado recomposto às exigências da vida contemporânea. De um lado, uma necessidade de constituir raiz no passado e, ao mesmo tempo, atender à demanda de inserção em um mundo cada vez mais globalizado. Na contemporaneidade, a dinâmica alimentar é mais do

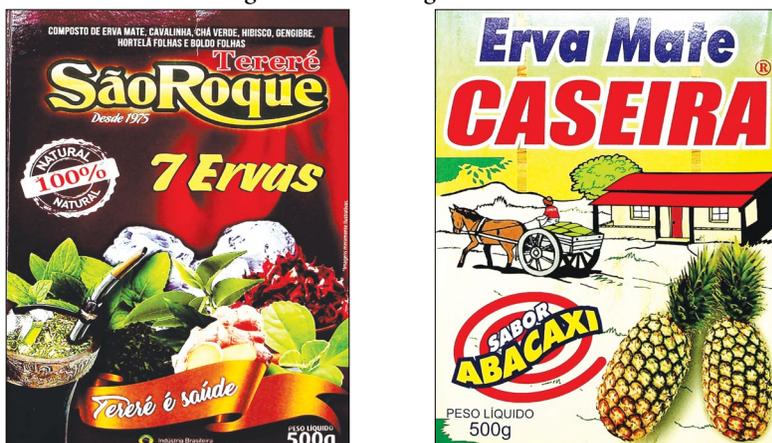
Figura 10 - Embalagens de erva.



Fonte: @campanariooficial; Acesso nov. 2022.

que nunca marcada pelo jogo de interação, influência e convivência entre inovações e tradições, criando um cenário em que várias temporalidades se fundem e se materializam em sabores, texturas e práticas (MORAIS, 2011, p. 250).

Figura 11 - Embalagens de erva.



Fonte: Coleção embalagens de produtos mato-grossenses e sul-mato-grossenses. 2019 e 2008. CDR/UFGD.

As diversas imagens/montagens veiculadas nas redes sociais, como se verá abaixo, confirmam a citação acima. Nestas imagens é possível entender como o tererê é apreendido, ressignificado no cotidiano dos sul-mato-grossenses. É possível notar um jogo de afirmação do que é “ser daqui”,

Figura 12 - Convite téris.



<http://www.facebook.com/osulmatogrossensepira>; Acesso em mar. 2013.

bem como o de conquista de novos apreciadores da bebida. Essa apreciação do gosto expressa e compartilhada nas redes sociais confirma a ideia de que a bebida se constitui como um monumento, símbolo característico de um grupo, de um local, num espaço (a internet) onde tudo é efêmero, rápido. Talvez boa parte das pessoas que se manifestam nas redes sociais sobre o tererê desconheça o seu registro como bem imaterial do MS; no entanto, utilizam do ambiente virtual para expressar, por meio da bebida, sentimentos de pertencimento.

O modo de falar, por exemplo, que seria característico dos moradores no MS, associado ao tereré é apresentado como um meio de identificação/diferenciação.

Figura 13 - Meme convite téres.



Fonte: elaborado pelo autor.

Ao lado do tereré, o churrasco com mandioca, a associação à fronteira com o Paraguai e as supostas diferenças com o vizinho Mato Grosso, integraria o conjunto de elementos que constituiriam o “orgulho de ser sul-mato-grossense”.

A adaptação, ressignificação da bebida também pode ser percebida no próprio nome, que foi substituído, inclusive em embalagens, pelo “téres, teris, téra, verde”.

Elementos antigos e novos, sons e imagens, são evocados para expressar o gosto pela bebida.

Figura 15 - Meme tomando tereré.



<https://tereredecogumelos.blogspot.com.br/>

Acesso mar. 2013.

Figura 14 - Tomador de tereré.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Os que são “da terra”:

Figura 16 - Meme sul-mato-grossenses.



<https://tereredecogumelos.blogspot.com.br>; Acesso abr. 2013.

Os que chegam e os que vão:

Figura 17 - Meme saindo de MS.



<https://www.facebook.com/cgmilgr4u>; Acesso set. 2021.

Aliás, sobre chegada no estado, em 2017 a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul publicou em sua página de rede social o “Manual para o recém chegado em MS”. Esse post viralizou, especialmente a parte que apresentou os 13 fatos sobre o tereré para iniciantes.

Figura 18 - Tutorial tereré a iniciantes.

24/02/2017 19:02 - Atualizado em 24/02/2017 19:07

Na web, universidade de MS viraliza com tutorial sobre tereré a iniciantes

Número de usuários alcançados equivale a 6% da população do estado. A bebida típica de Mato Grosso do Sul tem regras de boas práticas.



Estamos no G1 😊

“Mais de 170 mil pessoas alcançadas de forma orgânica com um único post, 1.470 compartilhamentos, 1060 reações (curtir, amar, rir) e 300 comentários. Parecem números alcançados por algum artista, youtuber ou fenômeno da internet, mas foram atingidos pela página da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).”

Matéria do jornalista Paulo Fernandes para o G1 MS, sobre o nosso Manual do recém chegado em MS.

<https://www.facebook.com/profile/100067358971782/search?q=terer%C3%A9-2017>

13 FATOS SOBRE O TERERÉ SUL-MATO-GROSSENSE (p/ iniciantes)

- 1- Em MS, convidar pra tomar “um” tereré é o primeiro passo para iniciar uma amizade.
- 2- Convidar pra tomar tereré em casa é sinal que a amizade já está encaminhada (ou aquela deixa pro crush).
- 3- Quando for sua vez de tomar, tome logo! Tereré não é microfone.
- 4- Em MS você pode chegar em alguns estabelecimentos e perguntar: “você vendem erva por aqui?” e o vendedor saberá que você está falando de tereré. Não aconselhamos fazer o mesmo em outros Estados, ok?!
- 5- Dependendo da região e da faixa etária, a bebida também pode ser chamada de ‘téra’, ‘téris’, ‘verde’ e outros.
- 6- Em uma roda de tereré você só pode parar de tomar depois de beber a última cuiada e dizer obrigado(a) a quem está servindo.
- 7- Até dá pra tomar sozinho, mas a graça mesmo está em tomar com a galera.
- 8- Você pode achar amargo no início, mas persista, em breve não conseguirá viver sem.
- 9- Preparar o tereré exige todo um ritual, por isso quem o prepara é uma espécie de “chefe da roda”. Ele pode inclusive se dar alguns privilégios como tomar a primeira, tomar mais de uma em sua vez, cortar a roda para fazer média com alguém, etc.
- 10- Não fique mexendo na bomba, o chefe pode não gostar.
- 11- Se perguntar a alguém de MS se “tereré é tipo um chimarrão gelado?”, ele provavelmente vai responder “É... mas não é”. A erva mate é a mesma, mas o processamento dela é diferente. E que nos desculpem os gatichos, mas o tereré é muito mais gostoso. Certo sul-mato-grossenses?
- 12- Não profane esta bebida com invenções “creme de avelá”. Tereré se bebe com água gelada e, no máximo, um limãozinho de leve. Nada de suco em pó, refrigerante, leite, coco ralado, etc. Cada vez que você faz isso uma capivara sofre no pantanal!
- 13- Quando estiver na roda de tereré deixe um pouco de lado o celular e outras tecnologias. A magia está em parar um pouco a correria do dia a dia, olhar no olho das manos/miñas/monas, dar risada de coisas sem graça, filosofar, etc. Logo você vai perceber que, mais do que uma bebida, o tereré é uma desculpa que o sul-mato-grossense usa pra ser feliz!

<https://www.facebook.com/profile/100067358971782/search/?q=terer%C3%A9>; Acesso fev. 2017.

A tradição e novo:

Figura 19 - Tereré raiz x nutella.

TERERÉ RAIZ	TERERÉ nutella
	
<ul style="list-style-type: none">- Erva com sabor de erva- Remédio Yuyo q cura até câncer- Todos os dias- Abria o apetite e depois puchero no almoço- Toma na frente de casa- Geladíssimo- Servido na Garrafa Pet ou Jarra de vidro- Reúne amigos- Cuia com o nome da pessoa ou time- Dá mijadeira e continua tomando d boa	<ul style="list-style-type: none">- Erva Tuti-Frutti- Não tem remédio- Só domingo- Dá caganeira quando Come algo depois- Toma no quarto- Frio- É portátil- Foto pro insta- Não tem cuia ou é no copo d plástico- Dá mijadeira e já para de tomar

Fonte: @comediadepona; Acesso mar. 2021.

A Fundação de Cultura do Estado também participou da disputa sobre o “velho/tradição” e o “novo/moderno”; reproduzo abaixo um post da Universidade Estadual de MS, com a interação de um leitor.

Figura 20 - Tereré raiz x creme de avelã.

UEMS
15 de fevereiro de 2017 · Campo Grande ·

E nada de ficar mexendo muito na bomba

TOMADOR DE TERERÉ RAIZ	TOMADOR DE TERERÉ CREME DE AVELÃ
	
<ul style="list-style-type: none">- Curte a erva bruta, tradicional;- Toma teras no chifre de boi;- Se tiver pescando, pega água do rio mesmo;- Se tiver servindo, toma três guampadas para passar;- Toma a mesma erva o dia todo e coloca na geladeira pra conservar;- Se tiver de resaca acrescenta bolico;- Adora quando sai espuminha pela bomba;	<ul style="list-style-type: none">- Só toma se for erva de sabores;- Toma teras em copo de alumínio;- Só toma tereré se for com água filtrada ++;- Só toma se a roda tiver no sentido horário;- Duas golas e já pede pra trocar a erva;- Não bebe tereré depois do pôr-do-sol;- Esteriliza a bomba com água quente;

143 19 comentários 59 compartilhamentos

Luiz [redacted] tereré tem que ser raiz, não vem com essas coisas de suco de limão e Sprite não kkkkkkkkk

Curtir Responder 5 a

<https://www.facebook.com/uemscg>; Acesso marc. 2017.

O aspecto sagrado, ritualístico incorporado pela bebida, com novas roupagens:

Figura 21 - Pecados do tereré.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Figura 22 - 10 mandamentos do tereré.

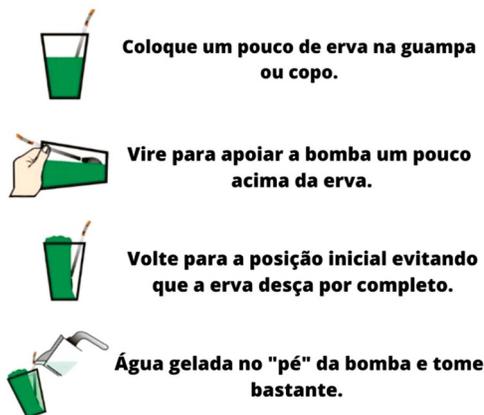


[@osulmatogrossense](#), coletado em março 2021.

Aliás, sobre esse último aspecto, o modo de fazer, também mudou ao longo do tempo. Havia o costume de não permitir que crianças consumissem o tereré, pois acreditava-se que a bebida “faria mal para os ossos” ou “deixaria fraco”; “tereré com carne de porco”, após ingerir a carne de porco ou tereré e melancia, venenos mortais. Em algumas famílias, de origem pa-

raguaia, as crianças serviam os adultos, e nada de encher a guampa e muito menos se devia “atravessar a roda”; servir sempre para o sentido horário, entre outros. São aspectos que ao longo do tempo foram perdendo uso, sentido. O tereré, tal como outras práticas alimentares, está sujeito ao tempo.

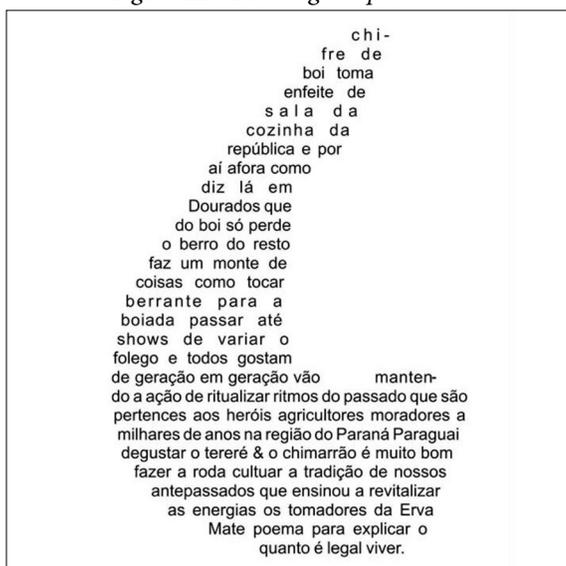
Figura 23 - Preparo do tereré.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Como já mencionado, a erva-mate, e o tereré, também está presente em outras manifestações culturais, como a literatura e a poesia:

Figura 24 - Poema guampa de boi.



Fonte: AMARILHA, 2008.

Na literatura, destaca-se os escritos de Helio Serejo, com *Lendas da erva-mate*, *Vida de erval*, *Modismo no sul de Mato Grosso*, *Homens de aço: a luta nos ervais de Mato Grosso*, *No mundo bruto da erva-mate*, *Carai ervateiro*, *O tereré que me inspira*⁸. E livros de Hernani Donato, como *Selva trágica: a gesta ervateira no sulestematogrossense*; de Brígido Ibanhes, *Che ru (chiru): contos mestiços às margens do rio Apa*, entre outros. Há ainda obras de cunho histórico ou memorialístico, como as de José de Melo e Silva, como *Fronteiras guaranis e Canaã do oeste*; *Ervais do Brasil e ervateiros* e *À sombra do hervais matogrossenses*, de Virgílio Correa Filho e o livro *Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul (1883-1947)*, publicado pelo Instituto Euvaldo Lodi e *A história dos ervais sob a ótica dos trabalhadores rurais*, publicado pelo Arquivo Público Estadual. E autores contemporâneos, de diversos locais do estado, como Jaminho e o livro *Tereré sem anestesia*; *Tereré com água guarani*, de Athayde Nery de Freitas Junior, *Divulgando a erva-mate*, da cordelista Aurineide Alencar, e diversos poemas do já citado Carlos Magno Mieres Amarilha. Por fim, diversas produções acadêmicas, com foco na presença da erva-mate no estado, como o livro *Vocabulário da erva-mate no cone sul de Mato Grosso do Sul*, de Aparecido Lázaro Justiniano, *Ervais em queda*, de Joci-mar Lomba Albanez, *A educação e trabalho na fronteira de Mato Grosso: estudo histórico sobre o trabalhador ervateira (1870-1930)*, de Carla Villamaina Centeno, *Erva-mate: sistemas de produção e processamento industrial*, do engenheiro florestal Omar Daniel, *Erva-mate: o outro lado*, do historiador Laércio Cardoso de Jesus, além de artigos do historiador Paulo Roberto Cimó Queiróz, entre muitos outros estudiosos, passíveis de serem acessados on-line.

Retomando o espaço virtual, este também foi o cenário para fervorosos comentários sobre o primeiro grande evento realizado no estado com o objetivo de promover o tereré como um bem cultural do MS, a *Maior roda de tereré do Mundo*.

Na maior roda de tereré do mundo: novas e velhas ideias

Em março de 2012, foi realizada, na capital de MS, um evento chamado “A maior roda de tereré do mundo”, com o objetivo de “promover a cultura sul-mato-grossense”.

8 Em 2008 o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, em parceria com a FCMS, publicou nove volumes com as obras completas de Serejo.

Figura 25 - Maior roda de tereré do mundo.



Foto: Fernando da Mata, publicada em <https://www.campograndenews.com.br>; Acesso fev. 2012.

O evento foi realizado no dia 5 de fevereiro de 2012, promovido por uma emissora de rádio campo-grandense com apoio do Governo do Estado e do município de Campo Grande. A festa reuniu, segundo os organizadores, aproximadamente dez mil pessoas no Parque das Nações Indígenas. Aos primeiros mil participantes que chegaram ao local, portando o tereré e seus acessórios, foram distribuídas camisetas e kit's tereré. O evento foi transmitido por uma emissora de TV e pela emissora de rádio. Conforme noticiou Alex Bachega, responsável pelo evento, a roda foi pensada a partir do registro da bebida como patrimônio de MS:

A ideia de fazer essa roda surgiu no ano passado, quando o tereré foi tombado como patrimônio histórico e cultural. Chegamos ao número esperado de pessoas antes do previsto este ano', comenta Alex Bachega, organizador do evento. Segundo Bachega, o objetivo da rádio que promoveu a roda é dobrar o número de participantes de 2013. 'Pensamos em valorizar a cultura sul-mato-grossense', afirma. A fila para entrar na roda de tereré foi extensa e começou a se formar por volta da 11h. Apesar disso, os mais 'viciados' pela bebida chegaram bem mais cedo no local e, alguns, até acamparam na entrada (MATA; GARCIA, 2012).

Esse foi o primeiro grande evento apoiado pelo poder público com o objetivo de divulgar o tereré como patrimônio cultural do MS⁹. Nas redes sociais e outros meios de comunicação, a comemoração foi amplamente divulgada, de maneira que os intentos da festa romperam os limites da capital do estado.

Vale a pena analisar alguns comentários de leitores de um dos jornais virtuais da cidade de Campo Grande que noticiou o evento. Esses posts revelam antigos e novos estereótipos, imagens, associadas ao tereré. O questionamento ao registro da bebida como Tereré de Ponta Porã também apareceu no periódico, o que demonstra que a discussão sobre o patrimônio cultural do estado, ainda que não amplamente conhecido, alcançava uma parcela da população.

Somente na matéria intitulada “‘Fissurados’ lotam Parque das Nações para formar a maior roda de tereré do mundo”, veiculada pelo jornal Campograndenews nos dias 5 e 6 de fevereiro, foram 61 comentários de leitores. Entre elogios e críticas ao evento, vários comentários evocaram diversas imagens negativas e positivas quanto ao consumo da bebida. A ideia do tradicional, do típico e da identidade sul-mato-grossense também permeou os argumentos. Também não foram poucos os casos de troca de farpas entre leitores do periódico, sobretudo quanto aos benefícios do consumo do tereré e da valorização da cultura local.

Nesse sentido, apresento algumas dessas expressões, ideias evocadas nos comentários à matéria do evento¹⁰. Os trechos selecionados exemplificam o valor dado ao tereré como parte do cotidiano da população local, à identificação da bebida com a cultura e a identidade do sul-mato-grossense e às disputas simbólicas que se configuram em torno da bebida. Para tanto, dividi a apresentação dos comentários em três grupos: os que debateram a espacialidade/territorialidade da bebida, os que debateram os benefícios e os malefícios do tereré e os comentários que evocaram os ideais de tradição, de identidade, de cultura (local), de patrimônio/turismo e ainda expressaram o gosto pela bebida.

Um dos comentários questionou o nome do evento, tendo em vista compreender a bebida como algo local, restrito ao MS ou mesmo Campo

9 O IPHAN MS produziu em 2009 um vídeo documentário chamado Roda o tereré, como parte do Inventário Nacional de Referência Cultural da Região do Erval Sul-Mato-Grossense.

10 O nome dos leitores foi abreviado. A matéria completa, bem como todos os comentários, pode ser verificada no endereço <http://www.campograndenews.com.br>, bem como em arquivo digital salvo por mim. A maneira como os leitores escreveram também foi mantida.

Grande: “O mundo não toma tereré, portanto isso é patético... Claro que tínhamos que ser mesmo a maior roda de tereré, essa cultura é somente aqui” (A. A., 06/02/12, segunda 07:32). Mesmo nesse comentário negativo ao tereré, se nota a vinculação da bebida como parte do universo cultural sul-mato-grossense. O uso do termo “patético” causou revolta em outros leitores que responderam às afirmações da leitora anterior. Outro comentário com esse mesmo sentido foi o de C. A.: “Como é a maior roda de tereré do mundo, se só tem tereré aqui em campo grande? Quem vai tentar bater esse recorde? (05/02/12, domingo 21:15). Ambos os trechos, apesar do tom depreciativo ao evento e à bebida, confirmaram que o tereré, assim como outros bens culturais, culinários sobretudo, criam, delimitam espacialidades.

Como resposta às duas opiniões acima, outras duas pessoas evocaram o uso da bebida como algo não restrito somente à capital do estado e, mais ainda, evocaram elementos culturais de outros estados que também cumprem a função do típico, do regional. “É engraçado o Pessoal achar q tereré é só em Campo Grande. Monte de Desinformados. Se não sabe, não fala” (G. R., 05/02/12, segunda 23:44).

As palavras usadas, especialmente nas respostas às afirmações dos leitores que criticaram o evento e a matéria do jornal, demonstram como os bens culturais, simbólicos, são portadores de uma força, capaz de mobilizar, provocar as mais diversas reações. Uma dessas é o embate entre “os daqui” e os “outros”, ou seja, o conflito simbólico entre os representantes de determinado grupo (estado nesse caso) e seus elementos de identificação, e aqueles que, a princípio não compõem ou compartilham dos mesmos símbolos, valores. Isso pode ser notado no trecho do leitor H. D. L. S.: “Patética é essa leitora que se chama [...] dizer isso a respeito de nossa cultura! Patético é dividir as ruas da cidade morena¹¹ com quem merecia viver em qualquer outro lugar, menos aqui! Vc vai em Porto Alegre e oq vemos??? Chimarrão em todos os comércios, praças e casas... Isso se chama respeito a cultura e as tradições de nossa terra!” (6/2/12, segunda 09:02).

Ainda relacionado ao território do tereré, a opinião da leitora F. L. B. retomou/apresentou o questionamento anteriormente feito à Fundação de Cultura do estado, quanto ao registro da bebida como o Tereré de Ponta de Porã. E, nesse sentido, como já afirmei anteriormente, a referência ao município fronteiro no registro da bebida criou uma espacialidade, uma associação territorial limitada do tereré como patrimônio cultural do MS. A leitora afirmou: “Oi, só uma coisa: o que foi tornado patrimônio é exa-

¹¹ “Cidade morena” é um nome pelo qual a capital sul-mato-grossense é conhecida.

tamente o ‘Tereré de Ponta Porã’. Essa é a especificação desse novo patrimônio imaterial de MS. Foi essa a proposta apresentada, pela Prefeitura de Ponta Porã, e necessitou de reunir toda a documentação comprobatória da origem, costume e tradição do consumo da bebida. Então, embora em todo o MS se tome, o que está imortalizado é aquele, de PP” (5/2/12, domingo, 21:59). Esse trecho corrobora para mostrar como o registro do tereré como bem imaterial do estado o insere no campo das batalhas simbólicas, das diferenciações culturais, identitárias, por meio da qual os indivíduos se posicionam, agem.

Outras opiniões retomaram os supostos malefícios e benefícios que o tereré pode provocar nas pessoas. Cabe pontuar que tais argumentos, especulações ou supostos estudos, acompanham a bebida há muito tempo, como demonstrado no primeiro capítulo. Não somente quanto ao tereré, mas ao uso da erva-mate como um todo. Um termo sempre associado nesse debate e que desde os tempos coloniais acompanha o gosto pelo mate é o “vício” que a ingestão da erva-mate poderia provocar, como se pode notar no trecho da opinião de M. S.: “Quanto aos eventuais malefícios, a bebida possui cafeína e mesmo em quantidade inferior ao café, a ingestão em excesso pode causar vários sintomas desagradáveis incluindo a irritabilidade, dores de cabeça, insônia, diarreia, palpitações do coração, com risco de dependência (BRENELLI, 2002¹²), portanto sendo desaconselhada a crianças. Mas a intenção foi boa e muita gente curtiu então vale isso” (6/2/12, segunda 15:04).

Sombra e água fresca? A mesma leitora também satirizou a bebida enquanto patrimônio do MS, o falar típico dos sul-mato-grossenses, e ainda expressou (criticou) mais um dos possíveis efeitos sobre as pessoas, ao evocar a associação da ingestão do tereré à sombra e ao descanso: “Tereré é um patrimônio mesmo, mas tem cafeína e causa agitação e quem o consome sistematicamente acaba se viciando, como ocorre com o café e outros. Talvez esteja aí a explicação para o povo daqui andar tão nervosinho em todos os lugares (principalmente no trânsito e no trabalho), exceto quando está tomando a razão da agitação. Uma ‘reiva’ que só acaba quando está na sombra, descansando. Afff” (M. S., 6/2/12, segunda 07:47).

12 A leitora se refere à pesquisadora Eugênia Cristina Souza Brenelli, professora da Universidade Federal Fluminense na área de Química Orgânica. Contudo, ao que tudo indica, o estudo citado foi publicado em 2003 na Revista Química Nova: BRENELLI, E. C. S. A extração de cafeína em bebidas estimulantes – uma nova abordagem para um experimento clássico em química orgânica. Química Nova, v.26, n. 1, p. 136-138, 2003. Esse artigo é citado em diversos outros estudos relacionados ao tema.

Ao responder às afirmações de M. S. e de A. A., outra leitora, evocou as ideias de lugar e de cultura, associadas ao costume de tomar o tereré, e deixou transparecer a bebida como um elemento de diferenciação entre os que são daqui (MS) e os outros, como um elemento digno e característico da cultura sul-mato-grossense: “M. S.: Não sei como vc afirma uma coisa dessas, qual pesquisa científica vc fez pra estar falando isso? Vc não é daki do estado né? Pode falar.. E se é daki, ñ eh capaz de reconhecer e se orgulhar da cultura do seu próprio estado??? A. A.: Patético é ficar se preocupando se em outro lugar tem ou não. Não afirmaram se tinha ou não em outro lugar. Entre no espírito da coisa né” (S. C., 6/2/12 segunda, 09:30).

M. S. voltou a responder os comentários às suas afirmações e também retoma o registro da bebida como bem imaterial do MS, porém, com a especificação da cidade de Ponta Porã. Afirmou o tereré como um “estereótipo de fim de semana” e a cultura do estado como “muito além da bebida”, citando a etnia indígena Kadiwéu, talvez para associar a Cerâmica Terena, outro bem imaterial do estado: “Uii! Sou daqui, pessoa que perguntou. E me interesse por nossa cultura sim, tanto que digo que ela vai MUITO ALÉM desse estereótipo de fim de semana. Os Kadiweus que o digam. Ah, e conforme o decreto nº 13.140, o Tereré de Ponta Porã é que é o patrimônio do MS, um bem cultural daquela cidade, passado de geração à geração. Naturalmente, é importante para muitos de CG, mas é bem isso...” (6/2/12, segunda 13:22). Esse último comentário deixou bem claro como o registro do nome da cidade de Ponta Porã ao tereré permite interpretações conflituosas quanto ao pertencimento ou não da bebida como um bem imaterial de todo o MS.

Outro velho questionamento em relação à bebida também foi lembrado em opiniões ao jornal Campograndenews: os possíveis riscos de contaminação com o boca-a-boca na bomba do tereré. O partilhar a substância do outro. Foram vários os comentários que evocaram dúvidas quanto à higiene da bebida. Na verdade, o costume de partilhar a mesma bomba é um dos motivos que a princípio distancia os não familiarizados com o tereré.

Dois comentários em defesa do modo de tomar a bebida revelam muito bem esse dilema: “Parabêns aos amantes do tereré, estou a 1 hora e meia de Salvador, ninguem sabe o que é isto aqui, erva recebo todos os meses, quem pode tomar tome, melhor do que cerveja, que esses sim, tem coisas maléficas ao organismo, se tereré tem... há coisas piores... ninguem é obrigado a nada [...] bactérias [...] tem gente que coloca a boca em lugar bem pior... latinha de refrigerante por exemplo, ja visitou um depósito, ratazanas e afins, sua mão mesmo que pega no dinheiro esta cheia” (K. A., 6/2/12, segunda 16:35).

Nesse mesmo sentido, outra leitora afirmou: “Ô R. O... as pessoas que voce conhece não possuem bactérias no boquinha? por favor passe a receita deles pois acho q todo mundo tem bactérias. o ser humano é bactéria” (R. C., 6/2/12, segunda 10:27).

Por último, alguns comentários que (também) evocaram as ideias de identidade, de cultura, do típico/regional, do potencial turístico da bebida, além de complementarem as ideias de espacialidade ou benefícios ligados a bebida, como já mostrado anteriormente.

Na opinião de J. T., por exemplo, a “tradição” evocada, materializada no tereré (e transmitida pela Maior roda de Tereré do mundo) precisava ser valorizada, aplaudida pelos moradores do MS e, nesse sentido, o evento realizado no Parque das Nações Indígenas teria sido extremamente exitoso. Disse o leitor: “Achei muito legal. Não participei porque não estou em Campo Grande [...]. O que acho interessante é que muitas pessoas mesmo morando em MS são contra nossas tradições, mas quando acontece em outros lugares aí eles aplaudem [...]” (J. T., 6/2/12, segunda 09:17).

A ideia de lugar, expressada no comentário anterior, também apareceu em outros dois comentários que demonstram como a bebida extrapola, com seus apreciadores, os limites geográficos do MS e, mesmo assim, atua como um elemento diferenciador do nós (sul-mato-grossenses) e os outros (de outros estados).

Nesses trechos, a ideia de prazer, que também sempre acompanha o tereré, aparece claramente: “tereré é bom demais... mesmo morando em São Paulo eu tomo meu téras todos os dias”, afirmou o leitor M. M. (5/2/12, domingo 18:42). Já o tomador D., cumpriu o ritual da bebida no Rio de Janeiro e também elogiou o evento: “cumprí o meu prometido. as 17hs estava tomando meu terere na praia do forte em cabo frio/rj. espero que tenham feito um evento a altura de MS. pena que nao ganhei uma camiseta. quem tiver terere mande pra mim, o meu tah acabandoooo” (D., Cabo Frio, 6/2/12, segunda 11:03).

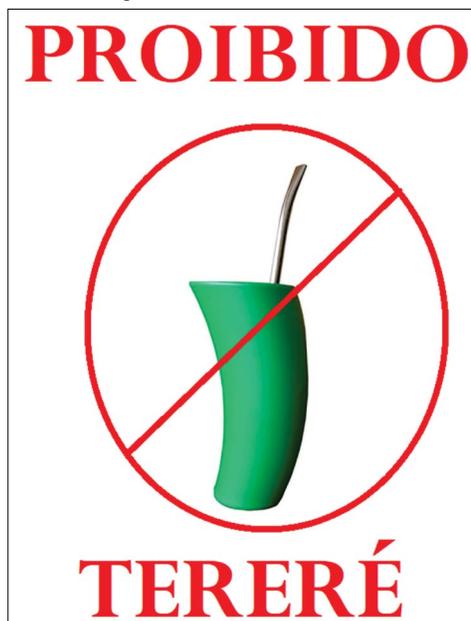
O potencial turístico que pode ser explorado por meio da promoção do bem imaterial do MS, em iniciativas como o evento “Maior roda de tereré do mundo”, foi lembrado pela leitora M. P. R. como forma de atrair pessoas ao estado e divulgar a cultura, da qual a bebida é representativa: “O evento Roda de tereré, é importante que aconteça pelo menos duas vezes ao ano, para atrair talvez os Turistas, e divulgar a cultura do nosso Estado” (6/2/12, segunda 08:10).

Esse evento também ocorreu no ano seguinte, 2013, promovido pelas mesmas entidades e, tal como demonstrado acima, provocou diferentes reações, tanto no público participante quanto nos que tiveram contato com a divulgação do evento por meio da imprensa digital.

Nesses anos iniciais da segunda década do século, outras manifestações na capital do estado demonstraram o poder, a força, mobilizadora, conflituosa que o tereré protagoniza.

Na mesma cidade onde se divulgou o uso da bebida como típica dos sul-mato-grossenses, onde se intentava promover a cultura sul-mato-grossense, município sede da Fundação de Cultura do Estado, o blog intitulado PorraCampoGrande, denunciou em sua página que no Cantinho do [Rio] Prosa, no Parque dos Poderes, amplo local que reunia os diversos setores do poder do estadual na capital de MS, foram afixados em 2011, diversos cartazes que proibiam o consumo da bebida¹³.

Figura 26 - Proibido tereré.



[http://porracampogrande.tumblr.com/post/594390828/terere-proibido;](http://porracampogrande.tumblr.com/post/594390828/terere-proibido)

Acesso fev. 2013.

13 A autenticidade da denúncia, à época, não pôde ser verificada por mim. Contudo, devido a ambiguidade que o consumo da bebida possui, como já afirmado anteriormente, não seria demasiado crer no texto então veiculado. A imagem do cartaz, acima, foi adaptada, por que a anteriormente publicada não possuía boa resolução.

Outra imagem¹⁴ de proibição ao consumo do tereré foi registrada no ônibus *city tour* de Campo Grande. Antes mesmo do fumo, um item proibido em diversos locais públicos do país, o recém escolhido patrimônio cultural do estado, um produto considerado turístico, típico, foi cortado do passeio.

Figura 27 - Tereré proibido no city tour.



<https://www.skyscrapercity.com>; Acesso abr. 2012.

Possivelmente, as proibições acima estavam ligadas à sujeira que a erva-mate ou a água podem causar, se derramadas acidentalmente ou ainda na lavagem dos utensílios. Vale ressaltar a presença do tereré lado a lado com um produto, reconhecidamente viciante, como o cigarro.

Já em 2013 alguns comerciantes de Campo Grande iniciaram uma campanha de proibição do tereré. Uma notícia publicada em jornal on-line trouxe o título “Contra rodas indesejadas, comerciantes irritados proibem o tereré” (MALAGOLINI, 2013).

Pode ser cultural, tradicional, indispensável, fundamental em uma roda de amigos, mas o tereré não é unanimidade, até mesmo na terra da erva com água gelada. Pelo contrário, vem ganhando inimigos, gerando stress entre donos de bares em Campo Grande. A chateação é tanta com a galera do tereré que a bebida mais tradicional do Es-

14 A imagem do cartaz foi adaptada, por que a anteriormente publicada não possuía boa resolução.

tado passou a ser proibida em alguns lugares da cidade [...] até placa foi colocada para deixar clara a censura. Em ambos a justificativa é a mesma: prejudica a venda de outros produtos e gera aglomeração, sem gerar lucro (MALAGOLINI, 2013).

A referida placa é idêntica à que teria sido afixada no Parque dos Poderes, em 2012, com uma guampa circulada pelo símbolo de “proibido” e com os mesmos dizeres. Novamente é possível notar a vinculação do patrimônio cultural, nesse caso de forma negativa, ao aspecto econômico. Mas, outra menção publicada na matéria também atesta, algo já afirmado, que práticas alimentares incorporam elementos culturais mais amplos, promovem distinções, sociabilidades diversas. Na referida notícia, uma empresária afirmou que “meu público frequente é quem gosta de rock e blues. O tereré traz consigo camionete, sertanejo, som alto e vulgaridade e não quero isso aqui” (MALAGOLINI, 2013). O elemento importante da frase acima foi a associação da empresária à camionete, sertanejo, itens marcantes de uma suposta cultura local; e elementos negativos associados ao tereré, o som e a vulgaridade (este último, remete às condenações já presentes no passado colonial).

A proibição também gerou respostas contrárias. “Quando vi a placa no Kiwi, fiquei pasma. Gente, que mal faz o tereré?”; outra leitora afirmou que “A proibição de um ato tão saudável quanto o tereré abre precedentes para a bebida alcoólica e, isso está errado, além do que aqui é cheio de gente praticando esporte, seria bom poder relaxar após a corrida e tomar um tereré, por exemplo” (MALAGOLINI, 2013).

Já no ano seguinte, 2014, a proibição chegou aos estádios de futebol. Como meio de conter a possível violência durante os jogos de futebol, o Ministério Público Estadual proibiu o consumo da bebida, bem como bebidas alcoólicas e bandeiras com mastros. Um jornal de notícias na capital, repercutiu a decisão da seguinte maneira:

Não adianta protestar e lamentar, o tereré seguirá proibido dos estádios sul-mato-grossenses, até que a Polícia Militar se convença do contrário. É o que garante o vice presidente da FFMS (Federação de Futebol de Mato Grosso do Sul), Marco Antonio Tavares, que afirma ter trabalhado para a liberação, mas ela ainda não aconteceu. [...] Além da bebida que faz parte da cultura do Estado, foram exigidas as contratações de seguranças particulares como responsabilidade do clube mandante, a proibição da entrada de bandeiras com o mastro de material que possa servir para agredir outra pessoa e também a comercialização de bebidas alcoólicas (VERÃO, 2014).

A proibição, à época, também foi publicada em diversos jornais digitais de outras cidades do estado.

E, no entanto, houve reclamação. Uma página intitulada “MPE, libera o tereré” foi criada numa rede social para mobilizar as pessoas contrárias à proibição.

Figura 28 - MPE, libera o tereré.



https://www.facebook.com/mpeliberaoterere?.notif_t=fbpage;

Acesso abr. 2014.

Na imagem acima, importante atentar para a mobilização do adjetivo “típico”, bem como da potencialidade de “reunir amigos”, que o tereré promovia. Se a proibição de bebidas alcoólicas (outra droga, tal como o cigarro anteriormente citado) era aceita, por outro lado, a censura ao tereré, parecia exagero. Para além de 2014, não foram encontradas outras notícias com esse teor.

As proibições acima ilustram a ambiguidade que o consumo do tereré apresenta. De bebida consumida por indivíduos com pactos com o demônio, como pensavam os jesuítas nas origens remotas do tereré, aos amantes fissurados; o tereré materializa, incorpora a história, a economia, a política e a cultura da região que atualmente corresponde ao estado Mato Grosso do Sul.

Em forma de monumento, o tereré está representado em quatro locais. Um, na cidade de Ponta Porã, fronteira com Pedro Juan Cabalero, Paraguai; outra, em Campo Grande, para referenciar o registro da bebida como patrimônio imaterial do estado; em Dourados, na Praça Paraguaia e na cidade de Caarapó.

Foto 10 - Monumento ao tereré, CG.



Foto: Henrique Arakaki, veiculada em <https://midiamax.uol.com.br/>; Acesso set. 2022..

Foto 11 - Monumento Princesinha dos ervais.



Bens materiais e imateriais registrados em Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://www.fundacaodecultura.ms.gov.br/38099-2>; Acesso set. 2022.

Foto 12 - Monumento ao tereré, Ddos.



Foto: Carlos Magno Mieres Amarilha, publicada em <https://www.facebook.com/comissaaoderevisao>; Acesso nov. 2022.

Foto 13 - Monumento ao tereré, Caap.



Foto: Dilermano Alves, Chrsicane Cabral. <https://www.radiojotafm.com.br>; Acesso set. 2022.

Mas, afinal, de quem é o tereré?

Figura 29 - De quem é o tereré?

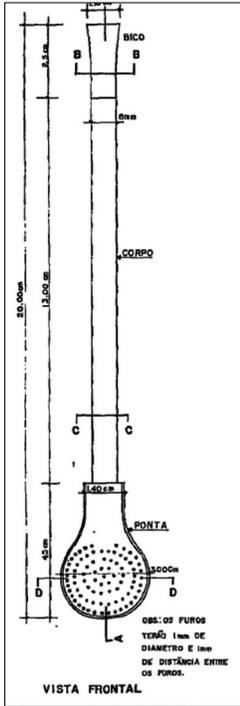


Fonte: *Leia*, 2000, capa.

Essa pergunta já foi feita antes neste texto e em publicações como a da imagem acima. Aliás, essa é uma pergunta que está ligada à curiosidade de conhecer a origem, o início dessa prática alimentar. O título na revista acima se refere a uma matéria publicada há vinte e três anos, que destacava que uma empresa de erva-mate do Paraná havia registrado, junto ao Instituto Nacional de Propriedade Intelectual (INPI), o nome “tereré” como sua marca industrial em meados da década de 1970. Nesse sentido, a matéria alertava para a possibilidade de a empresa acionar juridicamente todas as demais comercializadoras de erva-mate que fizessem uso do nome tereré, associado à erva, uma vez que se tratava de marca própria. À época, a revista não informou que tivesse ocorrido algum caso nesse sentido, ressaltando apenas que as embalagens de erva-mate produzidas ou consumidas em MS traziam o nome tereré para fazer referência ao tipo de produto comercializado, o que seria uma exigência do Ministério da Agricultura, diferenciando, por exemplo, da erva vendida para o chimarrão.

Do ponto de vista econômico, temos outro exemplo que ressalta o potencial de valor agregado que o consumo do vegetal carregou ao longo do tempo. Do ponto de vista cultural, a matéria trouxe as opiniões do jornalista Rubens Aquino, co-autor de uma obra que abordou o ciclo da erva-mate em MS. Nas palavras do jornalista, o registro “foi um abuso”, uma vez que o tereré “faz parte da cultura do estado, e a cultura não se registra, ninguém se adona da cultura. [...] qual será a outra marca que será registrada depois, o chimarrão, o cafezinho, o acarajé?” (VIEGAS, 2000, p. 43, 35).

Figura 30 - Kits descartáveis de tereré.



Fonte: INPI. <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/patentes>. Acesso set. 2022.

descartáveis, cujo objetivo central era tornar o hábito mais saudável, higiênico, uma vez que as referidas bombas não “desgastariam o bico” de sucção, tal como as de metal, bem como evitariam o acúmulo de restos de erva em suas extremidades não soldadas.

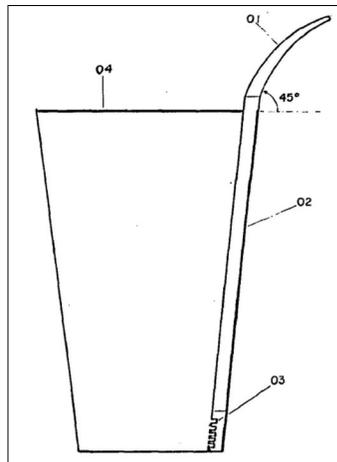
Com essa mesma proposta, em 1997, o registro do primeiro kit tereré descartável, atualmente bastante comum, com diferentes formatos e cores.

Um invento que aparentemente não evoluiu, mas que não parece de todo despropositado foi uma espécie de carrinho do tereré.

Registrado no INPI em 2001 com o nome de Equipamento para venda itinerante de uma bebida gelada conhecida nacionalmente como tereré, o invento teria como objetivo ofertar o tereré em pontos fixos ou de forma itinerante; o corpo do equipamento, em formato de guampa, levaria diferentes tipos de erva e água gelada. Seriam utilizados copos e bombas descartáveis. Vale

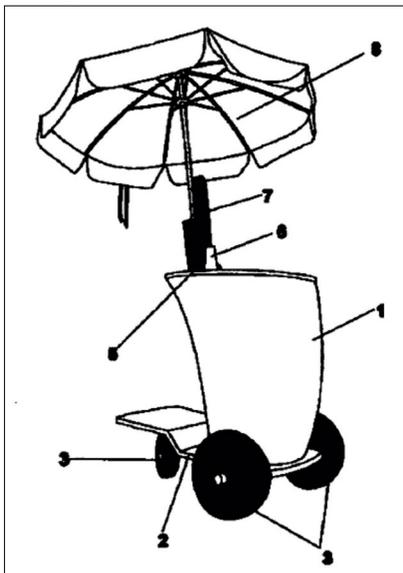
dizer que no Paraguai há muito tempo o tereré é vendido “por guampas” (tomadas) em praças ou outros locais de grande fluxo de pessoas. Em algumas cidades de MS, Dourados por exemplo, no espaço universitário, os utensílios, bem como a erva e a água gelada, são alugados em conjunto, o que possibilita que um grupo de pessoas possa tomar a bebida sempre que possível. No entanto, apesar da facilidade que o referido carrinho, bem como o aluguel ou venda de tereré possa apresentar, não é uma prática que caiu no gosto popular no MS. No site do INPI, é possível encontrar outros inventos, como de bebida gaseificada de tere-

Figura 31 - Conjunto integrado guampa e bomba de tereré descartável



Fonte: INPI. <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/patentes>. Acesso set. 2022.

Figura 32 - Carrinho de tereré.



Fonte: INPI. <https://www.gov.br/inpi/pt-br/servicos/patentes>; Acesso set. 2022.

sa e a escrita desse livro (@projeto_terere_ms) foi atacada em algumas publicações, especialmente por paraguaios. Em geral, o ataque (alguns bastante ofensivos) apelou para uma suposta apropriação cultural (apareceu até mesmo a palavra “roubo” e referências à Guerra do Brasil contra o Paraguai) de um patrimônio reconhecido internacionalmente como de origem paraguaia. Outros, apelaram para o humor, “Brasil, filho do Paraguai”. De todos os 35 comentários, vale a pena encerrar com o comentário de uma jovem (@solneyer), escrito em espanhol e aqui traduzido: “o tereré é uma bebida que se toma em toda a região. Para que seja considerado patrimônio cultural de um estado, somente é preciso evidenciar que é um costume tradicional (que vai de geração em geração), assim, está tudo bem”.

ré, mochila mateira, dispositivo display (semelhante à uma máquina de café expresso).

O Instituto Nacional de Propriedade Intelectual, como o próprio nome diz, compreende as criações passíveis de serem “coisas”, propriedades com direito de uso de alguém. Mas, como já afirmado neste livro, os bens culturais são móveis, adaptáveis, são vivos. O valor dos mesmos extrapola o meramente econômico, mas dele não está livre.

Os patrimônios culturais são objetos, elementos de disputas simbólicas, como já demonstrado. Mas, a título de encerramento, vale a pena mencionar que o perfil criado numa rede social para promover a pesquisa





CONSIDERAÇÕES FINAIS

História e patrimônio cultural foram os fios condutores para analisar a presença do tereré como um bem cultural, identitário de Mato Grosso do Sul. A exposição de uma breve história do consumo da erva-mate e seus significados, as especificidades regionais ligadas às tentativas de construção de identidades e de memórias, bem como a contextualização dos registros de bens imateriais no estado colaboraram para demonstrar como a bebida fez/faz referência no cotidiano da população sul-mato-grossense. Ao apontar as diversas imagens e ideias associadas, evocadas com e por meio do tereré, intentei demonstrar como o “mate” é apreendido a partir do universo das relações sociais, históricas, e entendido como prática alimentar que materializa uma suposta identidade cultural sul-mato-grossense, inserido, portanto, no campo das disputas simbólicas.

O tereré é uma bebida que caracteriza pessoas, um determinado grupo, e um espaço. Uma bebida que, juntamente com a erva-mate, atravessou e deixou marcas na história do antigo Sul de Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul.

O típico, o regional, materializa-se no/por meio do tereré. O registro da bebida como bem imaterial do estado pode ser considerado como um divisor de águas nas ações de promoção da cultura sul-mato-grossense, embora que, ao mesmo tempo, o tereré também incorpora contradições, conflitos, especialmente no que se refere à sua própria história, memória.

Um exemplo: nesses tempos virtuais, de várias amizades virtualizadas, de crescimento da violência nos espaços urbanos e de fantasmas gripais, as rodas de tereré tem diminuído em frente às casas, nas praças, ruas etc. Ou ainda, quando se formam, não é raro notar os tomadores cabibai-xos, em silêncio, conversando, não com o próximo, mas com o distante, via aparelho telefônico... ou simplesmente passando o dedo e o tempo nas telas. As rodas estão com os dias contados?

Por fim, espero que esse texto, escrito com vários litros de tereré, inspire outras reflexões sobre o patrimônio cultural sul-mato-grossense,

sua constituição, reprodução e promoção; as identidades, as memórias inseridas, criadas, forjadas no diversificado universo cultural de MS. Que a história produza novas conversas e se o “papo for bom que vá a te-re-ré, a te-re-ré...” (MARINHO, 2001).





REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Derlís Benítez. **El tereré. Algo más que una bebida em Paraguay.** Cerro Corá y Tacuary: El Lector, 1997.

AMABLE, Maria Angelica; DOHMANN, Karina, ROJAS, Liliana Mirta. **La yerba misionera: el arbol de nuestra historia.** Disponível em: <http://www.isparm.edu.ar>. Acesso em junho de 2012.

AMARILHA, Carlos Magno Mires. **Bovinolettras.** Dourados: Arandu, 2008.

ARRUDA, Gilmar. **Frutos da terra: os trabalhadores da Matte Laranjeira.** Maringá: Ed. UEL, 1997.

BANDUCCI JUNIOR, Álvaro. As fronteiras com o Paraguai. **Revista Cultura em MS**, n. 3, 2010.

BARRETO, Margarita. **El mate. Su historia y cultura.** Buenos Aires: Ediciones del Sol, 2006.

BOGUSZEWSKI, José Humberto. **Uma história cultural da erva-mate: o alimento e suas representações.** Dissertação (Mestrado em História) – UFPR, 2007. 130p.

BRAND, Antonio. **O impacto da perda da terra sobre a tradição Kaiowá/Guarani: os difíceis caminhos da palavra.** Tese (Doutorado em História) – PUC/RS, Porto Alegre, 1997. 382p.

BRENELLI, E.C.S. A extração de cafeína em bebidas estimulantes – uma nova abordagem para um experimento clássico em química orgânica. **Química Nova**, v.26, n. 1, p. 136-138, 2003.

CANCLINI, Nestor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 95-115, 1994.

CHAMORRO, Graciela. **Decir el cuerpo: historia y etnografía del cuerpo em los pueblos Guarani.** T. 1. Asunción: Tiempo de Historia; FONDEC, 2009.

CHAMORRO, Graciela. **Terra madura: fundamento da palavra Guarani**. Dourados: UFGD, 2008.

CORRÊA, Lucia Salsa. Compreender para explicar. **Revista Cultura em MS**, n. 3, 2010.

DANIEL, Omar. **Erva-mate: sistemas de produção e processamento industrial**. Dourados: UFGD, 2009.

DONATO, Ernani. **Selva trágica**. São Paulo: Edibolso, 1976.

EREMITES DE OLIVEIRA, Jorge; ESSELIN, Paulo Marcos. **Uma breve história (indígena) da erva-mate na região platina: da Província do Guairá ao antigo sul de Mato Grosso**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 9, n. 3, p. 278- 318, jul./dez. 2015.

FERREIRA, Eva Maria Luiz. **A participação dos índios Kaiowá e Guarani como trabalhadores nos ervais da Companhia Matte Laranjeira (1902-1952)**. 105 f. 2007. Dissertação (Mestrado em História) – UFGD.

FLORES, James Jorge “Jaminho” Barbosa. **Tereré sem anestesia**. Rio de Janeiro: Telha, 2021.

GARAVAGLIA, Juan Carlos. 1983. Mercado interno y economía colonial. Grijalbo/México, 1983. In: MELIÁ, Bartomeu. La yerba del diablo. **Revista Accion**. Asuncion, 1995, n. 153, mayo, 1995.

GORTARI, Javier. “Maldita” yerba mate: explotación de la mano de obra en las minas yerbateras del Paraguay colonial. In: GORTARI, Javier; RE, Daniel; ROA, María Luz (orgs.). **Tareferos: vida y trabajo en los yerbales**. Posadas: Edunam. Editorial Universitaria de la Universidad Nacional de Misiones, 2017.

INSTITUTO EUVALDO LODI. **Ciclo da erva-mate em Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: IEL, 1986.

JESUS, Laércio Cardoso de. **Erva-mate – o outro lado: a presença dos produtores independentes no antigo Sul de Mato Grosso (1870-1970)**. 190 f. 2004. Dissertação (Mestrado em História) – UFMS.

JUSTINIANO, Aparecido Lázaro. **Vocabulário da erva-mate no cone sul de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Uniderp, 2005.

LORENZANA, Marciel. In: CORTESÃO, Jaime. (Org.) **Jesuítas e Bandeirantes no Guairá (1549-1640)**. Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, 1951. p. 174.

- LORENZO, Karla Johan. **El libro de la yerba mate**. Buenos Aires: Del Nuevo Extremo, 2010.
- MELIÁ, Bartomeu. Abusos y vicios de la yerba mate. **Revista Accion**, Asuncion, p.38-39, n.155 julio. 1995.
- MELIÁ, Bartomeu. Del buen uso y varios modos de tomar la yerba mate. **Revista Accion**, Asuncion, p.36-37, n.156 agosto. 1995.
- MELIÁ, Bartomeu. La Yerba De Santo Tomás. **Revista Accion**, Asuncion, p.38-39, n.154 junio. 1995.
- MELIÁ, Bartomeu. La yerba del diablo. **Revista Accion**. Asuncion, 1995, n. 153, mayo, 1995.
- MELIÁ, Bartomeu. La yerba y sus virtudes. **Revista Accion**, Asuncion, p. 37-40, n.157 setiembre. 1995.
- MONTOYA, Antonio Ruiz de. **A conquista espiritual**. Madrid, Imprenta del Reino, 1639.
- MORAIS, Luciana Patrícia de. Comida, identidade e patrimônio: articulações possíveis. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 54, p. 227-254, jan./jun. 2011. Editora UFPR.
- NEJELISKI, Danieli Maehler. **O Porongo (lagenaria siceraria) como matéria-prima para a produção de recipientes: caracterização e impermeabilização**. Dissertação (Mestrado em Design). 2015. 133 folhas. UFRGS, 2015.
- OLIVEIRA, Helen Cristina Caetano Ribeiro de. **Indicação geográfica da erva-mate como estratégia para articulação do processo de desenvolvimento regional**. 134 f. 2021. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Sistemas Produtivos) – UEMS/Ponta Porã.
- PELLEGRINI, Fabio. Cultura e fronteira. Identidade histórica. **Revista Cultura em MS**, n. 3, 2010.
- QUEIRÓZ, Paulo Roberto Cimó. **Das selvas à metrópole: as rotas de exportação da erva-mate sul-mato-grossense** (estruturação, transformações, intermodalidade, 1883-1943). 2022. (Apresentação de Trabalho/Comunicação). Referências adicionais: Peru/Português; Local: Evento realizado em formato virtual; Cidade: Lima, Peru; Evento: 7º Congresso Latino-Americano de História Econômica; Inst. promotora/financiadora: Asociación Peruana de Historia Económica.

RAMOS, Antonio Dari. **O medo instrumentalizado: província jesuítica do Paraguai (1609-1637)**. Campinas: Curt Nimuendaju, 2007.

SEPP, Antonio. In: AMABLE, Maria Angelica; DOHMANN, Karina, ROJAS, Liliana Mirta. *La yerba misioneira: el arbol de nuestra historia*. Disponível em: <http://www.isparm.edu.ar/bibliotecavirtual/catalogo/data/Y/LaYerbaMisionera.htm>. Acesso em junho de 2012.

SILVA, André Luís Freitas da. **Reduções Jesuítico-Guarani: espaço de diversidade étnica**. Dourados: UFGD, 2013.

VIEGAS, Anderson Cardoso. De quem é o tereré? Leia. **Revista regional de Mato Grosso do Sul**, ano 2, nº 12, fev. 2000.

Páginas on-line e outras referências

A maior roda de Tereré do mundo. Disponível em: <http://www.campograndenews.com.br>. Acesso em fevereiro de 2012.

AGRAER [Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural]. Produtores de MS podem produzir 20 toneladas de erva por safra. Disponível em: <https://www.agraer.ms.gov.br>. Acesso em setembro de 2022.

Bomba de tereré descartável. Andre Luis Brito e Silva. 1996. INPI. Disponível em: <https://www.gov.br>. Acesso em setembro de 2022.

Câmara Municipal de Dourados. **Câmara recebe reivindicações da Colônia Paraguaia**. Disponível em: <https://www.camaradourados.ms.gov.br>. Acesso em outubro 2022.

CARTA DE VENEZA. 1964. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em setembro de 2022.

COMPROMISSO DE BRASÍLIA. 1970. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br>. Acesso em setembro de 2022.

Conjunto integrado guampa e bomba de tereré descartável. 1997. INPI. Disponível em: <https://www.gov.br>. Coleta em setembro 2022.

CORREIO DO ESTADO, 1/4/2011. Disponível em <http://www.correiodoestado.com.br>. Acesso em junho de 2012.

Equipamento para venda itinerante de uma bebida gelada conhecida nacionalmente como tereré. Gustavo Ponçano Trindade. 2001. INPI. Disponível em: <https://www.gov.br/inpi/pt-br>. Acesso em setembro de 2022.

FRANCHINI, Rogério Guerino. AGRAER apresenta ações para o resgate da erva-mate no MS. 2020. Disponível em: <https://www.embrapa.br>. Acesso em setembro de 2022.

FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MS. **Processo 09/600831/2008. Tombamento do tereré de Ponta Porã.** 2008. Consultado na sede da FCMS, Campo Grande.

FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MS. Revista Cultura em MS. N. 3, 2010. Impresso consultado em Centro de Documentação Regional UFGD em agosto 2022.

FUNDAÇÃO DE CULTURA DE MS. Revista Cultura em MS. N. 4, 2011. Impresso consultado em Centro de Documentação Regional UFGD em agosto 2022.

GARCIA, Jeozadaque; MATA, Fernando da. 2012. 'Fissurados' lotam Parque das Nações para formar maior roda de tereré do mundo. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br>. Acesso em agosto de 2022.

GOVERNO DE MS. Diário Oficial, 1/4/11, ano XXXIII, n. 7920. Decreto nº. 13.140, p. 56.

GOVERNO DE MS. Diário Oficial, 4/8/10, ano XXXII, n. 7761, p. 32.

MALAGOLINI, Anny. 2013. Contra rodas indesejadas, comerciantes proíbem o tereré. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br>. Acesso em outubro de 2022.

MARINHO, Emmanuel. 2001. **Teré.** Solo Vocal Masculino. Projeto Memória fonográfica de Mato Grosso do Sul. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ygc2ugC4dgo>. Acesso em janeiro de 2022.

RAMOS, João. 2021. Raiz x Nutella: descubra que tipo de 'tererézeiro' o campo-grandense é. Disponível em: <https://midiamax.uol.com.br>. Acesso em agosto de 2022.

RIBEIRO, Ângelo Franco Nascimento. 2022. **Ervais.** Escala: 1:8.000.000. Yeda Maria Malheiros; ROTTA, Emílio. 1983. Área de distribuição natural da erva-mate. Digital. EMBRAPA. Pesquisa em andamento. Nº 17, ano 1983. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br>. Acesso em janeiro de 2022.

Roda de Tereré. Paulo de Tarso & Rubinho. Grupo Zíngaro, 1997.

SENAR [Serviço Nacional de Aprendizagem Rural]. Novas perspectivas para a erva-mate em MS. Disponível em: <https://cnabrasil.org.br>. Acesso em setembro de 2022.

SILVA, Eduardo Bortolo Valle. Tereré e seus benefícios. Empea, engenharia e alimentos. Disponível em: <https://empeaconsultoria.com.br>. Acesso em julho de 2022.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL. <https://www.facebook.com>. Acesso em 2017.